



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

LARISSA DE LIRA LIMA

**TRADUÇÃO AUDIOVISUAL: UMA ANÁLISE DOS MARCADORES CULTURAIS
NAS LEGENDAS DA SÉRIE *INSECURE***

CAMPINA GRANDE - PB

2024

LARISSA DE LIRA LIMA

**TRADUÇÃO AUDIOVISUAL: UMA ANÁLISE DOS
MARCADORES CULTURAIS NAS LEGENDAS DA SÉRIE
*INSECURE***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientadora: Profa. Dra. Sinara de Oliveira Branco.

**CAMPINA GRANDE – PB
2024**

L732t Lima, Larissa de Lira.
Tradução audiovisual: uma análise dos marcadores culturais nas legendas da série *Insecure* / Larissa de Lira Lima. – Campina Grande, 2024.
62 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação: Profa. Dra. Sinara de Oliveira Branco".
Referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução Audiovisual. 3. Legendagem.
4. Marcadores Culturais. 5. Série *Insecure*. I. Branco, Sinara de Oliveira.
II. Título.

CDU 81'25(04)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA MEIRE EMANUELA DA SILVA MELO CRB-15/568

LARISSA DE LIRA LIMA

**TRADUÇÃO AUDIOVISUAL: UMA ANÁLISE DOS MARCADORES CULTURAIS
NAS LEGENDAS DA SÉRIE *INSECURE***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sinara de Oliveira Branco.

Aprovada em 14 de outubro de 2024.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **SINARA DE OLIVEIRA BRANCO**
Data: 20/11/2024 00:27:15-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Sinara de Oliveira Branco (UFCG)
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **CLEYDSTONE CHAVES DOS SANTOS**
Data: 21/11/2024 10:09:30-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cleystone Chaves dos Santos (UFCG)
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 **MATHEUS LUCAS DE ALMEIDA**
Data: 20/11/2024 19:24:45-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Matheus Lucas de Almeida (UFCG)
Examinador Interno

CAMPINA GRANDE
2024

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a mim, por não ter desistido, e por finalmente, depois de 6 longos anos, ter conseguido chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais, Socorro e Arimatéia, por todo amor e cuidado comigo, e por todo esforço que sempre tiveram com a minha educação, esse trabalho e tudo que conquistei até agora não existiriam sem vocês.

Agradeço à toda minha família, minha vó e meu avô, minhas tias, tios e primos, que são essenciais em minha vida. Em especial, minha prima Ingrid, que involuntariamente tem um dedinho na minha escolha por esse curso, pois provavelmente não me interessaria por inglês se não tivesse sido obrigada a escutar na infância as músicas que ela gostava.

Agradeço a minha orientadora Sinara, por todas as contribuições, apoio e por ter tornado esse processo o mais leve possível. Suas orientações e todas as aulas durante a graduação foram muito importantes para mim, sempre irei lembrar desses momentos com carinho.

Agradeço a todos meus professores, do El Shadday, Anglo, ESO, e da UAL, que foram fundamentais durante toda essa jornada e são hoje, para mim, as referências de profissional que quero ser. Quero destacar alguns dentro destes muitos. Em primeiro lugar, Marco Antônio, que esteve presente em tantas etapas da minha graduação, desde o PIBID, durante os encontros virtuais na pandemia, até o projeto do PROBEX. João Pedro, por ter me ajudado a me encontrar no curso, pela disciplina de Literatura e Psicanálise que mudou minha vida, e por todas nossas conversas sobre *MasterChef. Last but not least*, agradeço a Cleydstone, por estar presente desde os meus primeiros momentos na graduação, com o nosso experimento sociolinguístico durante uma das aulas, até a apresentação deste trabalho e por todos os ensinamentos durante as disciplinas de linguística.

Agradeço à Fernanda, pois por um momento chegamos a duvidar que nossa amizade continuaria tão forte depois que a escola terminasse. Mas, é claro, nosso vínculo contrariou esse pensamento. Obrigada por ser minha melhor amiga e por me acompanhar em mais uma fase.

Agradeço uma amizade totalmente improvável, que surgiu quando duas adolescentes decidiram criar um fã-clubes em 2013 e que, apesar da distância, continuam inseparáveis até hoje. Ana, obrigada por ser minha confidente, por todos os momentos compartilhados e por ser essa amiga incrível.

Agradeço a todos amigos que conheci durante esses anos no curso.

Agradeço alguns amigos que foram muito importantes para mim nos últimos meses:
Lua, Vitor e todos os queridos do Clubinho.

Agradeço a Matheus e Tone, por aceitarem fazer parte da minha banca examinadora e pelo tempo dedicado na leitura da minha pesquisa.

Agradeço minha psicóloga, Monique, por toda a ajuda durante esses três anos.

Agradeço, por fim, à UFCG e a educação pública brasileira.

RESUMO

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar as legendas em língua portuguesa brasileira dos marcadores culturais da série *Insecure* com foco em quatro personagens, Issa, Molly, Tiffany e Kelli. Para isso, os marcadores culturais em língua inglesa foram identificados e classificados em cinco categorias; em seguida, os processos tradutórios utilizados foram analisados a partir da teoria de Estrangeirização e Domesticação de Venuti (2019, 2021). Como fundamentação teórica, foi estudada a área de Tradução Audiovisual, a partir de Diaz Cintas (2005, 2008), Delabastita (1989) e Nobre (2002), seguida da Legendagem, com os estudos de Diaz Cintas e Remael (2021), Nobre (2002), Viccino (2007). A próxima teoria estudada foi a Estrangeirização e Domesticação de Venuti (2019, 2021). Por último, foi discutida a definição dos marcadores culturais, a partir de Aubert (2008), Guedes e Mozzillo (2014) e Marques (2018). Nesta pesquisa, os marcadores foram classificados em cinco categorias: língua, marca, moda, arte e culinária. Metodologicamente, esta é uma pesquisa de cunho qualiquantitativo e o *corpus* é composto por legendas de três episódios da série *Insecure*, das três primeiras temporadas. Para a coleta e geração de dados foram selecionados episódios com foco nas personagens analisadas. As legendas em inglês (língua fonte - LF) e em português brasileiro (língua alvo - LA) foram coletadas do *streaming* Netflix, para que os marcadores fossem expostos e caracterizados, criando uma tabela, na qual foi inserido o *corpus* paralelo, com as legendas em LF e LA, destacando a qual categoria pertence o marcador e qual o processo tradutório identificado. O resultado dos episódios analisados apresenta 46 marcadores culturais localizados, sendo em sua maioria pertencentes à categoria de marcadores de língua, envolvendo as práticas de Estrangeirização e Domesticação. Também foi identificado que alguns termos foram omitidos, sendo a segunda prática mais utilizada, atrás somente do processo de Domesticação.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução Audiovisual; Legendas; Marcadores Culturais; *Insecure*.

ABSTRACT

Abstract: The aim of this monograph was to analyze the Brazilian Portuguese subtitles of the cultural markers in the TV Show *Insecure*, focusing on four characters, Issa, Molly, Tiffany and Kelli. To achieve this aim, the cultural markers in English were identified and classified into five categories; then, the translation strategies used were analyzed based on Venuti's (2019, 2021) theory of Domestication and Foreignization. As theoretical framework, the field of Audiovisual Translation was studied, based on Diaz Cintas (2005, 2008), Delabastita (1989) e Nobre (2002), followed by Subtitling studies by Diaz Cintas and Remael (2021), Nobre (2002), and Viccino (2007). The next theory to be studied was Venuti's (2019, 2021) Foreignization and Domestication. Finally, the definition of cultural markers was discussed, based on Aubert (2008), Guedes and Mozzillo (2014) and Marques (2018). In this monograph, cultural markers were classified into five categories: language, brands, fashion, art and culinary. Methodologically, this is research of a quali-quantitative nature and the *corpus* is composed of subtitles of three episodes of the TV Show *Insecure*, from the first three seasons. For the data collection and generation, episodes focusing on the analyzed characters were selected. The subtitles in English (Source Language - SL) and in Brazilian Portuguese (Target Language - TL) were collected from the Netflix streaming service, to expose and characterize the markers, creating a table in which the parallel corpus was inserted, with the subtitles in the SL and TL, highlighting the category which the marker belongs and the identified translation strategies. Results present the analyzed episodes involving 46 cultural markers identified and most of them belong to the language markers category. Related to the translation strategies identified, in addition to the practices of Foreignization and Domestication, it was also identified that some terms were omitted, being the second most used practice, just behind the process of Domestication.

Keywords: Translation Studies; Audiovisual Translation; Subtitles; Cultural Markers, *Insecure*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Exemplo da tabela com legendas e <i>timecodes</i>	26
FIGURA 2: Apresentação da série na plataforma da <i>Netflix</i>	26
FIGURA 3: Personagem Issa	29
FIGURA 4: Personagem Molly	30
FIGURA 5: Personagem Tiffany	30
FIGURA 6: Personagem Kelli	31

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Exemplo de tabela utilizada para a caracterização dos marcadores.....	27
TABELA 2: Marcadores culturais do primeiro episódio.....	31
TABELA 3: Marcadores culturais do segundo episódio.....	41
TABELA 4: Marcadores culturais do terceiro episódio.....	50

SUMÁRIO

1.	12	
2.	15	
2.1.	15	
2.2	LEGENDAGEM	15
2.3.	ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO	19
2.4.	MARCADORES CULTURAIS	21
3.	26	
3.1.	TIPOLOGIA DA PESQUISA	25
3.2.	COLETA E GERAÇÃO DE DADOS	26
3.3.	SOBRE A SÉRIE	28
4.	ANÁLISE	33
4.1	APRESENTAÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS POR EPISÓDIO	33
4.1.1	<i>Insecure as fuck</i>	33
4.1.2	<i>Hella great</i>	40
4.1.3.	<i>High-like</i>	48
4.2.	ANÁLISE DOS RESULTADOS	56
5.	59	
6.	62	

1. INTRODUÇÃO

A tradução sempre esteve presente em diversas áreas da sociedade, seja na transposição de um sistema de signos para outro, na interpretação de um conteúdo visual para o verbal e vice-versa, ou entre dois ou mais idiomas. Uma tradução envolve diferentes aspectos, desde os relacionados ao léxico e ao estrutural da língua até particularidades culturais e ideológicas do texto original. “A tradução é, na verdade, uma transformação” (Pires, 2023, p. 6), na qual, em alguns momentos, será necessário que o tradutor abandone algumas características do texto-fonte para conseguir transmitir uma ideia clara ao leitor.

Dentro dos Estudos da Tradução, uma das áreas que ganha cada vez mais espaço é a tradução audiovisual (TAV)¹. As produções visuais possibilitam a imersão em diferentes culturas e “podem ser usadas para transmitir conceitos, informações, mensagens, formar opinião ou, simplesmente, divertir” (Nobre, 2002, p. 4). Para isso, é necessário o intermédio da tradução, através de elementos que possam garantir o acesso do conteúdo para diferentes públicos, como por exemplo as legendas, a dublagem ou a audiodescrição.

Vários desafios são encontrados pelos tradutores de conteúdos audiovisuais, em especial, pelos que realizam o processo de legendagem. Segundo Cintas e Remael (2021, p. 28), a legenda “pode ser definida como uma prática de tradução que consiste em apresentar um texto escrito, geralmente na parte inferior da tela, que tem como objetivo transmitir o diálogo original realizado entre os diversos falantes”². Por permanecer por no máximo até seis segundos na tela, as legendas precisam ser curtas, concisas e claras, podendo causar mudanças ou adequações em alguns aspectos da língua, que resultam em críticas aos profissionais responsáveis.

Nos diferentes gêneros existentes no audiovisual, como terror, comédia, romance ou suspense, é possível encontrar características culturais, que precisam ser analisadas e ressignificadas para a cultura alvo que a legenda será desenvolvida. Por essa razão, o legendista deve sempre estar atento a essas particularidades para que consiga transmitir uma ideia similar ao texto original no que diz a respeito destas questões.

De acordo com Baker (1999, p. 19), “a influência dos estudos da cultura na tradução, não é por si só, uma novidade”. Todavia, apesar de já englobar discussões sobre cultura, somente há pouco tempo as culturas consideradas marginalizadas ganham espaço nesse campo.

¹ *Audiovisual Translation (AVT)*

² *“may be defined as a translation practice that consists in presenting a written text, generally on the lower part of the screen, that aims to recount the original dialogue exchanged among the various speakers”*

Podemos considerar como um dos motivos para isso, a hegemonia de grupos dominantes nas manifestações culturais existentes, tanto na literatura, como em produções audiovisuais e outros tipos de arte. Ainda assim, com a luta de minorias para ocupar espaço, é possível “identificar os indícios, evidentes ou sutis, de avanços progressistas nas formas contemporâneas de arte popular” (Davis, 2017, p. 180).

Em relação às produções audiovisuais, é comum que tenham como objetivo expressar e compartilhar a cultura do local e população pela qual foram produzidos. Por isso, é comum que, ao legendar essas obras, o tradutor encontre diversos marcadores culturais (MC), que são elementos que permitem que as características culturais de determinados locais possam ser expressas através da linguagem. Os marcadores podem ser classificados em diversas categorias, como por exemplo, sociais, geográficos, históricos e outros. Por ser, na maioria das vezes, a transcrição de um texto produzido oralmente, a legenda irá carregar muitas destas marcas, que podem causar dificuldades ao tradutor e podem ser identificadas como desafios significativos ao ato tradutório (Aubert, 2006), por não possuírem uma tradução equivalente na língua alvo pelas diferenças culturais.

O objeto de estudo deste trabalho são as legendas referentes a 03 episódios, das primeiras temporadas da série, em que são apresentados diversos marcadores culturais nas falas das personagens. Produzida pela rede de televisão HBO³, a série retrata de forma tensa e humorada a vida de mulheres negras, Issa Dee, Molly Carter, Tiffany DuBois e Kelli Prenny, que se apoiam na amizade para lidar com os problemas que enfrentam em suas carreiras, sua vida pessoal e em seus relacionamentos amorosos. No decorrer da série, as personagens utilizam frequentemente uma linguagem informal carregada de referências culturais, entretanto, em alguns momentos necessitam realizar uma alternância de estilo linguístico para formalidade, especialmente Molly, que é advogada e precisa lidar constantemente com o ambiente corporativo.

O interesse em realizar a pesquisa surgiu a partir da observação de vários marcadores culturais nos diálogos da série e a observação de como eles eram traduzidos na legenda.

Tendo em vista as considerações acima, este trabalho tem como objetivo geral:

- Analisar as legendas em língua portuguesa brasileira dos marcadores culturais da série *Insecure* com foco em quatro personagens, Issa, Molly, Tiffany e Kelli.

Sendo os objetivos específicos:

³ *Home Box Office*

- Identificar e categorizar, no texto original da legenda, os marcadores culturais das falas das personagens Issa, Molly, Tiffany e Kelli.
- Observar e descrever como os marcadores identificados e categorizados, no texto original, são traduzidos nas legendas da série para o português brasileiro.
- Analisar as escolhas tradutórias, considerando a teoria de domesticação e estrangeirização de Venuti (2019 e 2021).

O presente estudo é constituído por cinco partes: esta introdução, fundamentação teórica, um capítulo sobre o percurso metodológico, análise, conclusão e referências. Na primeira parte do referencial teórico, será discutido o campo de Tradução Audiovisual a partir de Diaz Cintas (2005, 2008), Delabastita (1989), Nobre (2002). Em seguida, será discutido especificamente a legendagem a partir dos estudos de Cintas e Remael (2021), Nobre (2002), Viccino (2007). Após isso, discutiremos os conceitos de estrangeirização e domesticação propostos por Venuti (2019, 2021). Por último, debateremos sobre os marcadores culturais na tradução a partir de Guedes e Mozzillo (2014), Aubert (2006), Pires (2023), Widawski (2015), Pires (2023), Marques (2018).

Em seguida, será apresentada a metodologia do trabalho, primeiro com a classificação do tipo de pesquisa e como será a construção do *corpus*, seguida de uma descrição da série. Na seção de análise, serão apresentadas as falas que possuem marcadores culturais categorizados e traduzidos, seguidas da discussão analítica. A conclusão retomará as discussões anteriores, relacionando a análise realizada a partir da observação das legendas. Por último, é possível encontrar as referências utilizadas no trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta o aporte teórico que fundamenta nossa pesquisa. Para isso, serão discutidas questões relacionadas à tradução, especialmente a Tradução Audiovisual (TAV), que será o tema da primeira seção. Em seguida, na seção 2.2, discutiremos especialmente sobre uma das práticas da TAV, a legendagem. Para isso, utilizaremos Carrol (1998), Baker (1999).

Na segunda parte, será apresentada uma discussão sobre a teoria de Estrangeirização e Domesticação, proposta por Venuti (2019, 2021), e sua influência nos processos tradutórios. Por último, será contextualizado e definido o conceito de Marcadores Culturais, a partir de Aubert (2006), Pires (2023) e Guedes e Mozzillo (2014).

2.1. TRADUÇÃO AUDIOVISUAL - TAV

O cinema, expressão artística pioneira nas produções audiovisuais, teve sua consolidação a partir da década de 1920. Desde então, as obras audiovisuais evoluíram em diversos aspectos como, por exemplo, com o desenvolvimento de novos formatos, por exemplo séries de tv ou documentários; uso de novas ferramentas, por exemplo diferentes tipos de câmeras; criação de gêneros, por exemplo as *sitcoms*; fazendo com que o audiovisual se integre de forma crescente em nosso dia a dia. Por estas produções serem elaboradas em diferentes países, entramos em contato com a língua e cultura de cada país. Para que seja possível o acesso de obras de diferentes partes do mundo, apesar de não sermos proficientes nas línguas fonte, a TAV proporciona a acessibilidade a tais materiais.

De acordo com Diaz Cintas (2008), já não é mais possível argumentar que a TAV não possui espaço dentro dos Estudos da Tradução, por se tratar da área que está em constante evolução dentro desse campo, apesar de anteriormente não ser valorizada e, até pouco tempo, não estar inserida dentro dos currículos das universidades. Isso gerou consequências para os estudiosos que tinham interesse em profissionalizar-se nessa área, ao precisar aprender as práticas em outros lugares que não os acadêmicos. Entretanto, com o impacto da globalização e das novas tecnologias tornou-se necessário um aprofundamento maior sobre esses estudos e aprofundar-se sobre as características do audiovisual.

Além disso, Diaz Cintas (2008) comenta que a TAV é encontrada geralmente no cinema e televisão, através de formas mais usuais como dublagem e legendagem. Segundo o autor, “a maioria dos cursos de TAV, tende a concentrar-se na legendagem interlingual” (Diaz Cintas 2008, p. 4)⁴⁵.

Segundo Nobre (2002, p. 3), “a característica básica dos audiovisuais, que os distingue dos outros meios de comunicação, é sua composição semiótica – a forma de apresentação de seus conteúdos através de uma multiplicidade de canais acústicos e visuais”. As obras audiovisuais geralmente compostas por estes diferentes signos, que são categorizados por Delabastita (1989) em quatro tipos: os verbais apresentados visualmente (mensagens no telefone, cartas, placas); os visuais não verbais (figurinos ou movimentos de câmera); os verbais transmitidos acusticamente (diálogos) e os não verbais também transmitidos acusticamente (a trilha sonora da produção ou ruídos).

Diaz Cintas e Anderman (2009) explicam como as diferentes formas de TAV podem ser realizadas e definidas. Os primeiros exemplos são relacionados aos signos verbais transmitidos acusticamente, em algumas obras o áudio original pode ser totalmente substituído, ao qual chamamos de dublagem. Em outros casos, pode ser substituído parcialmente, com a prática de *voice-over*, em que o áudio original ainda pode ser ouvido no fundo. Ambas podem ser utilizadas e escolhidas de acordo com a particularidade de cada obra e gênero audiovisual. Ainda segundo os autores, “quando é tomada a decisão de manter o áudio original e mudar da linguagem oral para a escrita, adicionando um texto à tela, a técnica é conhecida como legendagem” (Diaz-Cintas; Anderman, 2009, p. 4), a qual será aprofundada na próxima seção deste trabalho.

2.2 LEGENDAGEM

Segundo Araújo (2002, p. 1), “a tradução por meio de legendas é a interpretação condensada ou não das falas de um filme ou programa de televisão”. Na maioria das vezes, o motivo pelo qual é necessário realizar a condensação das falas é devido ao limite de tempo e espaço em que as legendas são submetidas e por adaptações culturais que o tradutor precisa realizar do texto original para o texto na língua alvo.

⁴ “most of the courses on AVT have tended to concentrate on interlingual subtitling”

⁵ Todas as traduções realizadas neste texto foram feitas pela autora.

A legendagem é uma das práticas, sendo a mais conhecida, da TAV. Sua principal característica é a de transformar um texto reproduzido na modalidade oral para a escrita, além do fato de precisarem ser curtas e objetivas devido ao tempo de permanência das legendas na tela “que é de no mínimo um segundo e no máximo seis segundos” (Viccino, 2007, p. 3). Por isso, Ivarsson e Carrol (1998) argumentam que ao condensar o texto devido ao tamanho das legendas é preciso atentar-se à coerência dele.

Em relação às características espaço dimensionais, Nobre (2002, p. 4) afirma que “é importante que as legendas sejam tão discretas que, no decorrer da projeção do audiovisual, deem a ilusão de que nem estão na tela, embora permaneçam ali bem legíveis”. De acordo com Diaz Cintas e Remael (2021), apesar de o legendista ter que se atentar a esse e outros detalhes, esses critérios não são atribuídos por ele e sim pelas produtoras e distribuidoras. Portanto, é necessário que apenas o essencial esteja presente na legenda, levando à omissão de alguns elementos linguísticos do texto, para que seja possível conseguir alcançar a sincronia entre a legenda e o áudio, “espera-se que as legendas apareçam quando se ouve algo pronunciado em língua estrangeira e que elas desapareçam quando a fala termina” (Carvalho, 2005, p. 95).

Além disso, em relação à posição, as legendas são encontradas geralmente na parte inferior da tela, exceto em casos específicos como quando a parte debaixo da tela está muito clara e não será possível enxergar as legendas ou quando algumas informações importantes já estão ocupando este lugar, como por exemplo datas ou localizações. Nesses casos, as legendas podem ocupar o topo da tela, ou ficarem acima do texto e, em alguns raros casos, no meio (Diaz Cintas; Remael, 2021). Os autores também discutem outras importantes informações como o tamanho, tipo e cor das fontes utilizadas nas legendas, que também não possuem um padrão geral e, na maioria das vezes, são estabelecidas pelas plataformas e distribuidoras responsáveis por causarem interferência no aspecto estético das obras

Ainda de acordo com Araújo (2002, p. 2), as legendas podem ser divididas em dois parâmetros: “o linguístico e o técnico”. Em relação aos seus aspectos linguísticos, as legendas podem ser classificadas como intralinguais ou interlinguais. Na intralingual, o texto permanece na língua fonte na qual a obra foi produzida, a mudança realizada é em relação ao modo da língua, que será transformada do texto falado para o escrito, são utilizadas normalmente por pessoas com deficiência auditiva ou estudantes de línguas estrangeiras. Enquanto isso, nas interlinguais, os signos linguísticos são transpostos da língua original para uma outra, a língua alvo.

Como discutido na seção anterior, a TAV pode abranger outras formas de linguagem além do que é verbalizado pelos participantes através de diálogos, nas legendas interlinguais,

além das falas, outros signos também estão presentes neste processo de tradução como, por exemplo, músicas, placas, expressões como riso e choro ou descrição de algumas ações. Por isso, ao trabalhar na produção de legendas, é necessário que o profissional responsável esteja atento a esses detalhes, que também são importantes para o entendimento da obra e necessitam ser inseridos.

Embora o uso das legendas tenha sido amplamente popularizado, essa prática ainda é alvo de várias críticas. Segundo Carvalho (2005, p. 96), parte dos argumentos para desaprovação das legendas seria “por não permitirem o acesso de espectadores da cultura de chegada não alfabetizados ou com dificuldade de leitura”, entretanto, posterior a isso, a autora argumenta a importância da legenda para aprendizes de língua estrangeira, que podem se beneficiar dessa prática para os seus estudos e para acessibilidade de pessoas surdas ou ensurdecidas.

Além do fator mencionado anteriormente, outros apontamentos em detrimento à legendagem são realizados por espectadores de algumas produções audiovisuais, ao discordarem de parte das escolhas linguísticas realizada pelo tradutor e considerá-las como erradas. Ao realizar esse julgamento sobre a prática, este público eventualmente deixa de considerar todas as regras e diretrizes que o legendista precisa seguir para que esse texto seja aceito, sendo necessário realizar adaptações.

Como resultado, essa tradução na maioria das vezes não consegue ser completamente equivalente ao texto original por diversos fatores, a saber: linguísticos, estruturais e também por aspectos culturais, que estão presentes principalmente pelo fato das legendas, na maioria das vezes, transformar um texto da forma oral - que possui várias características do próprio gênero que podem influenciar no que está sendo dito, como “provérbios, citações ou frases típicas da oralidade” (Viccino, 2007, p. 2), para a forma escrita.

Pela presença destes aspectos culturais nos textos a serem legendados, os tradutores podem encontrar desafios para traduzi-los. Segundo Baker (1999, p. 23), “um tradutor e/ou um editor podem optar por um texto que desafie os nossos pressupostos culturais, em detrimento de outro mais compatível com o gosto dos leitores em potencial e com as expectativas do mercado interno”. Essa afirmação pode nos fazer refletir se há liberdade nas decisões tomadas pelos legendistas já que, conforme mencionado anteriormente, grande parte das escolhas feitas para esses tipos de textos são realizadas pelas próprias distribuidoras, e também sobre quais culturas estão permitidas ou não de estarem presentes nestas traduções. Como argumenta Carvalho (2005, p. 96) sobre as legendas, “se por um lado ela preserva sons, vozes e

desempenhos interpretativos do material audiovisual original, por outro ela facilita o domínio cultural de sistemas estrangeiros hegemônicos”.

Segundo Diaz Cintas e Remael (2021, p. 181), “palavras tabus são usadas pelas pessoas em diferentes situações e por uma infinidade de intuítos, alguns dos quais também podem ser associados com variedades linguísticas entre falantes”⁶. Isto é, em alguns casos essas palavras podem ser intrínsecas da variedade linguística a qual o falante está familiarizado, entretanto, embora possa ser uma característica cultural presente, os “palavrões geralmente são traduzidos de forma mais amena” (Viccino, 2007, p. 3), e este aspecto provavelmente será apagado ou apresentado nas legendas de uma maneira mais sutil.

As palavras tabus, também são discutidas pelos autores, sendo considerados alguns tipos específicos de palavras como, por exemplo, as com conotação sexual, gírias que podem soar ofensivas, termos vulgares, blasfêmias e outros (Diaz Cintas; Remael, 2021), e nesses casos na maioria das vezes também serão utilizados eufemismos para traduzi-las.

Um artigo⁷ com diretrizes para a produção de legendas em português, foi publicado pela empresa *Netflix, streaming* onde foram assistidos os episódios da série *Insecure*, cujo as legendas serão utilizada neste trabalho como *corpus* da pesquisa. Neste artigo algumas informações importantes são apresentadas, como em relação aos caracteres, os quais são permitidos 42 por linha, que é a quantidade normatizada.

Além disso, outros elementos importantes, no que se refere a aspectos da língua como, por exemplo, usar a tradução específica da língua alvo ao se referir a personagens históricos ou mitológicos, é utilizado como exemplo Papai Noel. Além de outra importante informação, referente às marcas, em que o tradutor deve manter ou adaptar o nome de acordo com a língua, ou substituir por um nome genérico para o produto indicado, sendo necessário evitar realizar grandes alterações em relação ao nome de marcas ou de pessoas famosas.

Por isso, para serem elaboradas as legendas é necessário, como em qualquer outro tipo de tradução, pensar primeiro no público-alvo desse produto, “para saber quais informações podem ser suprimidas sem prejudicar o entendimento do filme, ou até acrescentar informações, quando necessário” (Nobre, 2002, p. 5). Tendo como exemplo, aspectos linguísticos que frequentemente podem não ser compreendidos na língua alvo, por terem várias características culturais do idioma original.

⁶ “*taboo words and swearwords are used by individuals in many different settings and for a myriad of purposes, some of which may also be associated with inter-speaker linguistic varieties*”.

⁷ Disponível em: <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215600497-Portuguese-Brazil-Timed-Text-Style-Guide>.

As diretrizes discutidas anteriormente, apesar de não serem uma regra geral para todas as legendas produzidas no Brasil ou em outros lugares, nos levam a refletir como são dadas essas escolhas tradutórias em relação aos aspectos culturais em uma legenda. Para discutir sobre isso, iremos utilizar a teoria de Estrangeirização e Domesticação, proposta por Venuti (2019, 2021), que será apresentada na próxima seção deste trabalho.

2.3. ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO

Conforme discutido nas subseções anteriores, dentro da prática de traduções aspectos estão inclusos, sendo um dos principais as diferentes transformações que os aspectos culturais de uma língua podem sofrer para serem traduzidos de uma forma inteligível para outra língua. Existem várias estratégias para que o tradutor realize adaptações nos elementos culturais de uma língua, e uma delas é através dos conceitos de Estrangeirização e Domesticação, propostos por Venuti (2021).

Os conceitos propostos pelo autor são apresentados primeiramente em sua obra “A Invisibilidade do Tradutor”, que tem como objetivo principal discutir sobre o apagamento do tradutor na realidade anglo-americana da época. Segundo Venuti (2021), as traduções só são consideradas aceitáveis pelos consumidores e revisores desses trabalhos, quando o profissional precisa, de certo modo, replicar e refletir a personalidade e escrita do autor do texto original, ou seja, quando se acredita “que a tradução não é realmente uma tradução, mas o “original” (Venuti, 2021, p. 35), o que para Venuti é uma ilusão, já que a tradução irá necessariamente carregar aspectos causados pela interferência do tradutor na obra, o que pode ser observado em algumas práticas, como na estrangeirização.

De acordo com Venuti (2021, p. 215), “a tradução estrangeirizante é uma prática cultural dissidente, que insiste em recusar o que é dominante e cria afiliações com valores literários e linguísticos marginais à cultura receptora”. Essas traduções são marcadas por alguns aspectos como, por exemplo, a tendência a desafiar os domínios culturais e a tentativa de preservar os aspectos da língua fonte, ou seja, ao se encontrar esse tipo de tradução, o leitor terá acesso mais direto às referências culturais presentes no texto.

Em seu trabalho, Pires (2023) defende a estrangeirização por ser uma forma de conhecer diferentes culturas e valores sociais. Segundo a autora, “quanto mais o tradutor mostrar aspectos da estrangeiridade do texto, em sua tradução, mais chance de se desenvolver um público-leitor mais aberto às diferenças linguísticas e culturais” (Pires, 2023, p. 12). Todavia, ao realizar este

tipo de tradução, o texto pode não ser compreensível para certa parcela do público que não esteja e nem tenha interesse em se familiarizar com diferentes tipos de cultura, por isso a existência de uma diferente prática, a domesticação.

Segundo Venuti (2021), ainda que o tradutor tente realizar uma tradução que priorize a permanência dos aspectos culturais do texto original, “não escapa da inevitável domesticação”, ou seja, para a transferência de uma língua para a outra, certos aspectos irão precisar ser domesticados para se adequar a língua alvo, ainda que não seja a preferência do tradutor. Ainda segundo o autor, em algumas situações, a estratégia de domesticação é considerada como “uma rejeição narcisista do que é estrangeiro em favor dos valores domésticos dominante” (Venuti, 2019, p. 376), porém, defende essa prática em alguns momentos, como por exemplo em países que foram ou ainda são colônias e decidem subverter os valores dominantes ao usarem suas próprias referências culturais ao realizar uma tradução.

De acordo com Zhuofan (2022, p. 11), os ditos “domesticadores”, que apoiam que essa prática esteja presente nas traduções, acreditam que o tradutor além de apresentar diferentes estruturas linguísticas e culturais, tem também como responsabilidade “evitar conflitos culturais”, ao tentar trazer as referências presentes no texto original o mais semelhante possível à língua alvo. Além disso, defendem que o tradutor “não deve fazer exigências excessivas ao intelecto e imaginação do leitor, mas deve, tanto quanto possível, aproximar o mundo do leitor ao mundo refletido no texto de partida” (Zhuofan, 2022, p. 11), ou seja, acredita-se que as referências culturais do texto devem ser neutralizadas e o leitor deve estar familiarizado com elas, como se estivesse lendo um texto produzido em sua própria língua, com o objetivo de que o leitor não se sinta desconfortável ao ler referências desconhecidas por ele.

Entretanto, existem autores como, por exemplo, Francisco (2016), que não concordam por completo com os conceitos propostos por Venuti (2021) e argumentam contra essa teoria, segundo Francisco: “assim como com dicotomias mais antigas (literal x livre, equivalência formal x dinâmica, etc.), a oposição entre estrangeirização e domesticação também é problemática” (Francisco, 2016, p. 94). De acordo com autor, diversas escolhas são realizadas pelo tradutor, e elas não podem ser somente agrupadas dentro de duas únicas categorias, dentro de um texto pode haver uma junção das duas, ou até mesmo existir alguma parte em que nenhuma das formas são utilizadas.

O autor ainda argumenta que é preciso que essas teorias não sejam usadas como métrica de julgamento ou avaliação para as traduções, e cita a importância de “considerar as especificidades de cada situação tradutória, que podem exigir a utilização de soluções ora mais identificáveis com uma ou outra, ora com ambas ou com nenhuma delas” (Francisco, 2016, p.

99). Utilizando como exemplo para isso uma tradução realizada do Italiano para o Português em que alguns casos apelidos de personagens foram mantidos em sua forma original, mas com uma explicação a seguir do seu significado. E em outros, o nome adaptado para formas que são conhecidas no Brasil.

Outro aspecto de estrangeirização e domesticação dentro da subárea da TAV que pode ser citado são os títulos das obras audiovisuais, que na maioria das vezes, no português brasileiro, recebem uma brusca alteração, por diversos fatores. Segundo Souza e Silva (2019), esses títulos são escolhidos pela equipe de *marketing* responsável, e a escolha de manter o título de forma estrangeirizada ou domesticá-lo surge a partir de observações do que mais irá chamar atenção do consumidor, segundo os autores “as técnicas tradutórias obedecem antes a ditames comerciais do que a fatores linguísticos e estéticos, critérios de custo benefício desempenham protagonismo numa cena em que a precisão conteudística é mera coadjuvante” (Souza; Silva, 2019, p. 631).

A partir desse exemplo, podemos identificar que a escolha de qual prática será usada, estrangeirização e domesticação, depende de vários fatores, como comerciais, culturais e outros. Segundo Venuti (2021, p. 15), “qualquer forma ou prática cultural pode abarcar interpretações múltiplas e conflitantes, e cada uma delas pode encontrar concordância ou discordância em diferentes públicos leitores”, ou seja, conflitos podem ser gerados ao se realizar uma tradução, pois haverá a chance de discordância, isso acontece especialmente em relação aos marcadores culturais de um idioma, que serão definidos e exemplificados na seção a seguir deste trabalho.

2.4. MARCADORES CULTURAIS

Todas as línguas, especialmente em suas produções orais, apresentam aspectos culturais que as caracterizam. De acordo com Aubert (2006), as línguas são fenômenos culturais que, com a junção das maneiras e modos de cada integrante, cria-se uma ferramenta, a língua, que nos torna capaz de nos articular em sociedade, levando conosco nossas características culturais ao nos expressar de forma oral ou escrita, que podem estar relacionadas com “padrões comportamentais, linguísticos e extralinguísticos que, tanto quanto os traços pertinentes fonológicos, gramaticais e semânticos” (Aubert, 2006, p. 24), também ajudam a categorizar uma língua, por trazer particularidades que diferenciam uma língua da outra.

Essas marcas podem ser diversas, Guedes e Mozzillo (2014, p. 280), também definem e exemplificam os marcadores culturais como: “elementos que distinguem uma língua fonte de uma língua alvo –, tais como expressões idiomáticas, metáforas, jogos de palavras, referências de humor, sistema de medição, códigos e regimentos”, e são intrínsecos a determinadas culturas. Os marcadores culturais possibilitam um intercâmbio cultural entre diversas sociedades, que não precisam necessariamente estar presentes no local onde o texto foi produzido ou conhecer a língua original em que este material foi elaborado, pois com a ajuda da tradução, podem compreender até mesmo se estiverem em um idioma desconhecido do seu ou com referências culturais com as quais talvez não esteja tão familiarizado.

Entretanto, segundo Aubert (2006), nas pesquisas envolvendo os estudos tradutórios, os marcadores culturais de um texto são, na maioria das vezes, omitidos, o que dificulta um aprofundamento nesses aspectos e causam até mesmo dificuldade em caracterizar o que são marcadores culturais, por isso, identificá-las “não constitui uma operação simples e a própria conceituação do que vem a ser uma marca cultural expressa em determinado texto ou ato de enunciação é questão passível de controvérsia” (Aubert, 2006, p. 24).

Em seu trabalho, Aubert (2008, p. 35) considera que as classificações de marcadores culturais possam estar em excesso, e propõe uma alteração para a redução dessas classificações em somente duas: a “dimensão material (ecologia e cultura material) e dimensão socioideológica”. Na primeira categoria, podem ser usadas como exemplo as características geográficas específicas de alguma cultura. Já na segunda classificação, podem ser encontradas características ideológicas culturais como, por exemplo, a crença religiosa.

Entretanto, ainda segundo o autor, algo só pode ser definido como marcador cultural pelo “confronto pela diferenciação; ou, dito de outro modo, a noção de marcador cultural remete a um elemento distintivo”, ou seja, essas marcas só se tornam visíveis para o tradutor quando algo no texto é considerado como singular para aquela cultura específica e se busque encontrar um similar para a sua substituição ou adaptação.

De acordo com Ping (1999, p. 134-135), a cultura é dividida nas seguintes subcategorias:

- (1) sistema Tecnoeconômico: ecologia (flora, fauna, clima etc.); meios de produção, troca e distribuição de bens; artesanato, tecnologia e ciência; artefatos.
- (2) sistema social: classes e grupos sociais; sistema de parentesco (tipologia, sexo e casamento, procriação e paternidade, tamanho da família etc.); política e direito; educação; esportes e entretenimento; costumes; história geral.
- (3) sistema ideacional: cosmologia; religião; magia e feitiçaria; folclore; criações artísticas como imagens; valores (morais, estéticos etc.); foco cognitivo e padrões de pensamento; ideologia.

(4) sistema linguístico: fonologia e grafemas; gramática (morfologia e sintaxe); semântica e pragmática.⁸

De acordo com o autor, essas subcategorias de cultura podem carregar elementos que causam desafios na tradução, por isso, segundo Pires (2023), é importante ressaltar que o tradutor precisa se movimentar entre os vários sistemas propostos para o ato de expressão comunicativa e tradutório, e buscar a interação com outra língua(s) e cultura(s) diferente(s) de sua língua/cultura materna. Para que com isso, consiga ampliar sua visão e estar apto para trabalhar com diversos tipos de referências que podem ser relacionadas a cultura, história ou geografia de alguma comunidade e podem criar sérios desafios de tradução (Cintas; Remael, 2021, p. 202, tradução nossa)⁹, caso o tradutor não tenha o repertório necessário para que seja realizada a tradução destes marcadores.

Por essa razão, é preciso também destacar a importância que os estudos do campo da Sociolinguística têm em relação aos marcadores culturais. Segundo Widawski (2015, p. 1), nesta área, “a língua é vista como um fenômeno social, que só pode ser analisado a partir de um contexto social”¹⁰. Com isso, todas as formas e usos da língua são considerados importantes, com a inclusão de diferentes registros e variedades linguísticas que, conseqüentemente, trazem para a língua alguns elementos que podem vir a ser considerados como marcadores culturais como, por exemplo, gírias específicas de determinados grupos sociais.

A partir dessas informações, é possível observar que os marcadores culturais podem ser classificados de diversas maneiras, e vários aspectos diferentes da fala ou escrita podem ser considerados um marcador cultural. Todavia, na análise deste trabalho iremos classificar os marcadores baseados nas categorias elaboradas por Marques (2018), as quais mais abrangem os marcadores culturais presentes em *Insecure*.

A primeira categorização são os Marcadores de Língua que, segundo o autor, podem ser “expressões carregadas de sentido usadas por um determinado povo, que fora de contexto, não apresentam sentido claro, podendo gerar mal entendidos” (Marques, 2018, p. 46), nessa pesquisa, além dessas expressões, também serão classificados como Marcadores Culturais de língua determinados aspectos morfológicos e semânticos da língua que podem causar

⁸ (1) *Techno-economic System: ecology (flora, fauna, climate etc.);1 means of production, exchange, and distribution of goods; crafts, technology, and science; artifacts.* (2) *Social System: social classes and groups; kinship system (typology, sex and marriage, procreation and paternity, size of family etc.); politics and law; education; sports and entertainment; customs; general history.*2 (3) *Ideational System: cosmology; religion; magic and witchcraft; folklore; artistic creations as images; values (moral, aesthetic etc.); cognitive focus and thinking patterns; ideology.* (4) *Linguistic System: phonology and graphemics; grammar (morphology and syntax); semantics and pragmatics*

⁹ *A community's culture, history or geography, and they can pose serious translation challenges*

¹⁰ *Language is viewed as a social phenomenon, analyzable only in a social context*

dificuldades para serem traduzidos como, por exemplo, a adição de alguns sufixos ou prefixos e também alguns jogos de palavras presentes na série.

No trabalho em que nos apoiaremos para a classificação dos marcadores, foram criadas as seguintes categorias: marcadores de vestimenta e de estilo pessoal. Nesta pesquisa, iremos utilizar somente a classificação de “marcadores de moda”, que podem abranger vestimentas ou até mesmo nomes de penteados utilizados pela comunidade negra dos Estados Unidos. Em seguida, como terceira categoria, serão classificados os “marcadores culturais de culinária”, em que serão considerados nomes de comidas típicas presentes na série.

Ainda seguindo a classificação de marcadores determinada por Marques (2018), temos os “marcadores culturais de arte”, segundo o autor “esta categoria engloba as artes como música, danças, filmes, e como o povo local se relaciona com estes elementos”, mantemos essa categoria pelo fato de *Insecure* possuir durante suas cinco temporadas diversas referências artísticas que interferem diretamente no entendimento da série, especialmente em relação ao humor. Nessa categoria serão inseridos também eventos culturais específicos do país que aparecem no decorrer da série.

Por último, os “marcadores culturais de marca”, nesta categoria, iremos apresentar partes em que determinadas marcas apareceram na legenda, e como foi realizada esta tradução, como é retratado nas diretrizes da *Netflix* para os legendistas, informamos que não podem ser realizadas grandes alterações em relação ao nome das marcas. Com a análise desse marcador, conseguiremos determinar e observar como foram feitas essas escolhas.

3. METODOLOGIA

Nesta seção iremos apresentar a tipologia da pesquisa, a partir de Williams e Chesterman (2002) e Moreira e Caleffe (2006). Após isso, exibiremos a constituição do *corpus*, informando quais episódios foram utilizados, os seus títulos e outras informações. Em seguida, apresentaremos como foi realizada a coleta e geração dos dados. Por último, uma descrição geral sobre a série e seus personagens.

3.1. TIPOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho busca contribuir para o campo dos Estudos da Tradução, com foco em legendas produzidas para materiais audiovisuais, neste caso, as legendas da série *Insecure*. Por esse motivo, a metodologia adotada está baseada em Williams e Chesterman (2002), que buscam categorizar os trabalhos dentro das pesquisas sobre tradução. Esta pesquisa busca contribuir para o campo de estudo “sugerindo uma resposta para uma questão específica”¹¹ (Williams; Chesterman, 2002, p. 2) que, neste caso, estão presentes no objetivo geral e nos objetivos específicos da pesquisa.

Esta pesquisa está inserida no gênero da tradução de multimídias, dentro dos vários campos existentes, como tradução literária e outras. Busca realizar a análise de textos fonte e, também, compará-los com a sua tradução. Em relação à classificação, a metodologia deste trabalho é conceitual, pois busca “definir e esclarecer conceitos, interpretar e reinterpretar ideias e relacionar conceitos em uma escala maior” (Williams; Chesterman, 2002, p. 58)¹².

A presente pesquisa adota ambas as abordagens qualitativas e quantitativas, a primeira categoria, conforme descrito por Moreira e Caleffe (2006, p. 73), utiliza dados que são “frequentemente verbais e coletados pela observação, descrição e gravação”, e também quantitativa, pois os marcadores culturais presentes nas legendas serão categorizados e quantificados através de tabelas e gráficos de acordo com seu uso, para indicar a qual categoria pertencem como, por exemplo, marcadores culinários, linguísticos e outros.

¹¹ *By suggesting an answer to a specific question*

¹² *Aims to define and clarify concepts, to interpret or reinterpret ideas to relate concepts into larger systems*

3.2. COLETA E GERAÇÃO DE DADOS

Em relação à coleta de dados da pesquisa, o primeiro procedimento realizado foi a criação de uma tabela no *Google Docs* (FIGURA 1), com a indicação do tempo específico em que cada legenda aparece e suas versões em português e inglês.

FIGURA 1 - EXEMPLO DA TABELA COM LEGENDAS E TIMECODES

TABELA - LEGENDAS

Episódio: S03EP03- Tipo para trás

Tempo	Português	Inglês
00:01:36,054 --> 00:01:38,890	Trouxe sua roupa	I got your Coachella clothes. Arte
00:01:45,563 --> 00:01:48,399	E doze ovos de chocolate	-And a dozen Cadbury Creme Eggs Marca

Fonte: A autora

Como é possível observar, na Figura 1, a primeira coluna da tabela foi ocupada com o tempo em que cada legenda aparece e desaparece. A segunda com as legendas interlinguais e a última com as intralinguais. As duas versões foram retiradas do *streaming Netflix*, onde foram assistidos os episódios apresentados no trabalho.

FIGURA 2- APRESENTAÇÃO DA SÉRIE NA PLATAFORMA DA NETFLIX



Fonte: *Streaming Netflix*. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80138784>.

Enquanto isso, a Figura 2 mostra como a série aparece para os espectadores do streaming *Netflix*. É apresentada uma imagem da personagem principal, Issa, seguido de uma breve sinopse, com a classificação indicativa, nomes dos atores principais e as informações sobre qual gênero a série está incluída.

Para ser realizada a análise, foi criada uma tabela, nela serão disponibilizadas a frase da legenda em que o marcador aparece para que seja possível uma maior compreensão do contexto em que estão inseridos, os marcadores culturais estarão destacados em negrito e sera indicado em qual categoria de marcador se encaixa, e se foram estrangeirizados, domesticados ou omitidos. Segue abaixo a tabela, já preenchida com um dos exemplos de marcador localizado, para melhor ilustração de como será utilizada.

TABELA 1 - EXEMPLO DA TABELA UTILIZADA PARA A CATEGORIZAÇÃO DOS MARCADORES

Marcador original	Marcador traduzido	Categoria	Estrangeirização, domesticção ou omissão?
<i>Big brother Big</i>	Irmão e Irmã	Marca	Domesticado

<i>Sister</i>			
---------------	--	--	--

Fonte: A autora

3.3. SOBRE A SÉRIE

Insecure é uma série televisiva escrita por Issa Rae, que além de dirigir a série, também interpreta uma das personagens principais, Issa Dee, e coescrita por Larry Wilmore. O processo de criação teve início com a websérie *The Mis-Adventures of Awkward Black Girl*, lançada por Issa em um canal no *YouTube*. Posteriormente, foi adaptada e lançada pelo canal HBO, e teve sua estreia em outubro de 2016. Suas temporadas contam com 8 a 10 episódios, que normalmente possuem a duração de 30 a 40 minutos.

Com um tom humorístico, a série acompanha a jornada de quatro amigas, Issa, Molly, Tiffany e Kelli, que são mulheres negras que vivem na cidade de *Los Angeles*, enfrentando problemas da vida adulta em seus trabalhos e vida amorosa. Segundo um artigo do jornal *The Guardian*¹³ que discute sobre a série: “desde os diálogos surpreendentes até a linguagem visual divertida, pouco é explicado em *Insecure* para espectadores que não estão familiarizados com a cultura e linguagem vernacular”¹⁴, o que reforça a autenticidade proposta pela série.

Um dos principais diferenciais da série é que, apesar de não ignorar e discutir questões raciais, esse não é o foco principal da série. Durante os episódios de *Insecure*, temos personagens negros performando atividades cotidianas e habituais, expressando sua cultura através de referências da cultura pop e *hip-hop*, com foco em costumes da comunidade negra dos Estados Unidos. É importante ressaltar essa importância do gênero *Rap* para a série, pois está presente em referências que podem ser encontradas em falas específicas dos personagens e em momentos presentes durante toda a série, em que a personagem Issa rima em frente ao espelho, principalmente em momentos de dificuldade, e utiliza do gênero como uma forma de se expressar.

A série tem como personagem principal Issa Dee, interpretada pela criadora da série, uma mulher de 29 anos que está insatisfeita com diversos aspectos da sua vida. Na primeira

¹³ Disponível em <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2018/aug/12/issa-rae-television-show-insecure-black-people>. Acesso em: 16 ago. 2024

¹⁴ *From the ear-popping dialogue to the snappy visual language, little is explained in Insecure for viewers unfamiliar with the culture or vernacular.*

temporada da série, Issa trabalha em uma organização sem fins lucrativos chamada *We Got Y'all*, criada para ajudar estudantes negros. Issa está insatisfeita no emprego, por ser usada em muitos momentos como *token* - quando uma única pessoa de alguma minoria está presente em um espaço, para dar a impressão de representatividade -, mesmo sem sua voz ser ouvida no local.

Em relação a sua vida pessoal, Issa também está insatisfeita com o relacionamento com o namorado Lawrence, que está desempregado há anos. Com todos os problemas que enfrenta, Issa resolve sair um dia para divertir-se e encontra uma pessoa do seu passado, Daniel. Esse encontro, posteriormente, resulta com Issa traindo Lawrence, o que causa o fim do relacionamento e diversas mudanças na vida da personagem no decorrer da série.

FIGURA 3 - PERSONAGEM ISSA



Fonte: <https://www.express.co.uk/showbiz/tv-radio/1477334/Insecure-season-5-Issa-Dee-move-to-San-Francisco-with-Lawrence-theory-HBO-video>.

Issa tem como melhor amiga Molly Carter, que é de fundamental importância para a série, por ser um ombro amigo com quem Issa pode trocar conselhos, mas elas também enfrentam discussões e momentos de tensão. Molly é uma advogada talentosa, mas apesar disso, em alguns episódios, lida com a falta de reconhecimento por enfrentar racismo e sexismo. Apesar do sucesso profissional, Molly tem desafios em sua vida pessoal, especificamente em suas relações amorosas, e passa por diversos relacionamentos que não funcionam. Essas

experiências moldam a visão de Molly e fazem com que ela tenha desenvolvimento pessoal no decorrer da série.

FIGURA 4 - PERSONAGEM MOLLY



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/362399101286643967>.

O grupo possui mais duas amigas, uma delas é Tiffany. Ela é casada com Derek e aparenta ser a que possui a vida mais estável do grupo, por ser bem-sucedida e sempre estar promovendo festas e eventos. Entretanto, durante as temporadas seguintes, Tiffany atravessa diversos desafios com a maternidade, após ter a sua filha, Simone.

FIGURA 5 - PERSONAGEM TIFFANY



Fonte: <https://pointzeroworld.com/2022/01/19/a-goodbye-letter-to-insecure/>.

Por último, temos a quarta amiga que faz parte deste núcleo de amizade, Kelli Prenny. Ela é uma personagem muito importante para o desenvolvimento do humor da série e, na maioria dos episódios, demonstra ter uma personalidade muito divertida e sem filtro, com muitos relatos dos seus relacionamentos sem compromisso.

FIGURA 6 - PERSONAGEM KELLI



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/63191201005089409/>.

Vale ressaltar que os títulos dos episódios de *Insecure* seguem um padrão, que é alterado a cada temporada da série e buscam refletir o tom informal e divertido da série, tendo em vista que em todos são utilizadas gírias.

Na primeira temporada, os episódios terminam com “*As fuck*”, que foi traduzido para o português como “Pacas”. É possível observar que apesar de ter sido usado um palavrão no nome original, na tradução foi decidido suavizar isto, entretanto, ainda utilizando uma linguagem informal. Enquanto na segunda, os episódios começam com a palavra “*Hella*”, gíria normalmente utilizada no estado da Califórnia, local onde se passa a série, tornou-se “Pacas”. Em seguida, “Tipo” foi utilizada para traduzir o sufixo “*-like*”, que é utilizado quando algo é parecido com outra coisa. Na quarta, “*Lowkey*”, que é definido pelo *Cambridge Dictionary* como uma palavra “utilizada quando você está expressando uma opinião, mas não quer enfatizar muito aquilo”¹⁵ foi traduzido como “mas nem tanto”. Na última temporada, “*Okay?!*” foi traduzido para “Ok?!”. Sobre a autoria da tradução, a informação é disponibilizada apenas na quinta temporada em que as legendas foram produzidas por Tom Souza, nas outras, o nome do tradutor não é creditado.

Para constituir o *corpus*, foram selecionados 3 episódios da série. Iremos iniciar com o primeiro episódio da série, intitulado em inglês como “*Insecure as Fuck*”, em português “Insegura pacas”. Em seguida, também foi escolhido o primeiro episódio da segunda temporada, que tem como título “*Hella great*”, traduzido como “Baita profissional”. Na terceira temporada, foi selecionado o quinto episódio que, em inglês, foi intitulado como “*High-like*” e, em português, “Tipo chapada”. Os três episódios foram escolhidos por evidenciar alguma das quatro personagens analisadas e pela forte presença de marcadores culturais.

4. ANÁLISE

Nesta seção, analisaremos como foram realizados os processos tradutórios dos marcadores culturais das legendas da série *Insecure*, a partir das teorias de Estrangeirização e

¹⁵ *Used when you are expressing an opinion but you do not want to emphasize it too much.*

Domesticação propostas por Venuti (2019; 2021). Para que os objetivos propostos sejam alcançados, esta seção será dividida em duas partes. Na primeira parte, o episódio em análise será contextualizado. Em seguida, iremos identificar e categorizar os marcadores culturais no idioma original, de acordo com as categorias informadas anteriormente: Língua, Arte, Culinária, Moda e Marca. Além de serem categorizados, será identificado como se deu o processo tradutório desses marcadores a partir da teoria de Venuti, indicando se eles foram estrangeirizados, domesticados ou omitidos. Na segunda parte, serão contabilizados todos os marcadores presentes na legenda e através de gráficos iremos identificar qual dos processos foi mais utilizado e as possíveis razões para isso.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS POR EPISÓDIO

Essa subseção tem como objetivo apresentar individualmente os dados dos marcadores culturais dos três episódios analisados. Inicialmente, o episódio será contextualizado e, em seguida, os marcadores culturais serão apresentados e categorizados.

4.1.1 *Insecure as fuck*

Insecure as fuck, em português, *Insegura pacas* é o episódio piloto da série *Insecure*. Nesse episódio foram encontrados 12 marcadores culturais, sendo eles: 8 marcadores relacionados à língua, enquanto isso, em relação às outras categorias de marcadores, de culinária, arte, moda e marca, foi encontrado um único marcador em cada uma.

O episódio tem no seu início filmagens com lugares da cidade de Los Angeles. Durante o episódio, conhecemos um pouco a vida de Issa, inicialmente com os problemas que encontra em seu emprego. A seguir, é possível visualizar a tabela com os marcadores apresentados nos episódios:

Tabela 2 - MARCADORES CULTURAIS DO PRIMEIRO EPISÓDIO

Marcador original	Marcador traduzido	Categoria	Estrangeirização, domesticação ou omissão?
<i>Big brother Big</i>	Irmão e Irmã	Marca	Domesticação

<i>Sister</i>			
<i>I'm rocking blackface</i>	Eu pintei a cara de preto	Língua	Domesticação
<i>I'm the token with all the answers</i>	Pensam que tenho a resposta para tudo	Língua	Domesticação
<i>Go, shawty, it's my birthday</i>	Vai baixote .	Língua	Domesticação
<i>Oh, look, nigga</i>	Ah, olha só, cara	Língua	Domesticação
<i>You want some of this pussy pot pie?</i>	Você quer mais dessa bomba aqui?	Culinária	Omissão
<i>Nigga, from who, your middle-school Crips?</i>	Amiga , de quem? Dos seus amigos de escola?	Língua	Domesticação
<i>Nigga, from who, your middle-school Crips?</i>	Amiga, de quem? Dos seus amigos de escola?	Língua	Domesticação
<i>Every dude in here got dry cornrows</i>	Todos os caras aqui usam trancinhas	Moda	Domesticação
<i>You mean that he's not a gin and juice</i>	Ah, quer dizer que ele não é um beberrão	Arte	Domesticação
<i>The only reason we came to that hoodrat- ass club tonight</i>	Nós só fomos aquela droga de lugar hoje	Língua	Domesticação
<i>Cause it's bad enough that I got to deal with real triflin' niggas and real untraditional niggas</i>	Porque já basta eu ter que lidar com gente mentirosa e gente pouco convencional	Língua	Domesticação

Fonte: A autora

Na primeira cena do episódio, Issa está em uma escola explicando os benefícios que a organização que ela participa, a *We Got Y'all*, oferece para os alunos. Nessa cena, é possível identificar o primeiro marcador cultural utilizado na série. Entre as opções que são destacadas para os alunos, uma delas é a instituição dos Estados Unidos “*Big Brother Big Sister*”, que funciona como um programa de mentoria para crianças em situação de vulnerabilidade. O marcador se encaixa na categoria de marca, como definida por Marques (2018). Devido ao fato de o programa não existir no Brasil, não foi possível ser realizado uma tradução direta equivalente, por isso o nome foi domesticado e traduzido somente para os substantivos “Irmão e Irmã”, o que talvez possa fazer com que o leitor não consiga identificar de que se trata o programa. De acordo com as diretrizes propostas pela *Netflix*, em relação aos nomes das marcas, não devem ser realizadas grandes alterações nas legendas. O nome deve ser mantido original ou, caso a marca não esteja presente no país em que foi traduzido, deve ser utilizado um nome genérico. Entretanto, caso o nome “*Big Brother Big Sister*” tivesse sido mantido, poderia causar confusão no leitor, ao confundir com um programa de entretenimento popular no Brasil. Por isso, foi realizado o processo de domesticação, em que o espectador deve entender pelo contexto que se trata de um programa de ajuda para os alunos.

O segundo marcador cultural acontece um pouco depois, quando Issa ainda está na escola e uma das alunas, que também é negra, pergunta para ela o porquê ela fala como uma garota branca, e ela responde que está fazendo *blackface*. Após falar isso, Issa é repreendida por sua colega de trabalho, Frieda, que aponta que esta é uma prática racista.

Segundo Pinto (2017, p. 157), *blackface* pode ser definido como “uma prática racista praticada nos Estados Unidos, por volta de 1830, por homens brancos que se pintavam de preto para ridicularizar pessoas negras”, ao pesquisar o termo, podemos encontrar algumas notícias utilizando o termo, e perceber que ele começou a ser popularizado no país. Entretanto, o episódio que discutimos foi lançado em 2016, época em que o termo ainda não estava sendo tão utilizado, e poderia não ser identificado pelo leitor, por isso o termo foi domesticado por um sintagma verbal que traduz de uma forma literal o que a expressão significa. É importante analisar o uso da expressão pela personagem, a fala da aluna ao perguntar “por que você está falando como uma garota branca?”, indica um pensamento que pessoas negras devem sempre falar da mesma maneira, sem poder utilizar um registro mais formal ao se expressar oralmente. A resposta de Issa é irônica para, de certa forma, demonstrar que ela estava se “fantasiando” de negra, de acordo com a aluna, neste caso, a tradução da expressão por “pintei a cara de preto”, apesar de descrever a ação realizada por ela, pode não abarcar toda conotação social que o termo original possui.

O terceiro marcador aparece no episódio enquanto Issa fala sobre o ambiente do seu trabalho, após ocorrerem situações constrangedoras, como perguntas absurdas de seus colegas de trabalho, e refere a si mesma como sendo utilizada por eles com *token*, expressão que já foi citada anteriormente neste trabalho, e é usada para se referir a pessoas que são utilizadas para dar uma falsa impressão de representatividade. Uma matéria escrita por Priscila Camanazo e publicada pela Folha de S. Paulo¹⁶, em 2022, indica que um dos primeiros usos do termo foi feito por Martin Luther King em 1962, em um artigo escrito durante a sua luta pelos direitos civis, e informa que depois esse termo foi adotado pelo ambiente corporativo. A matéria traz uma fala da diretora-executiva do Instituto de Identidades do Brasil, Luana Genót, que define o termo da seguinte forma; "tokenismo é basicamente pegar grupos que estão sub-representados dentro do ambiente de trabalho e usá-los em ocasiões muito pontuais para representar o todo" (Folha de S. Paulo, 2022).

Este marcador é incluído na categoria de marcador de língua por ser utilizado para referir a uma expressão que não é tão utilizada no Brasil, apesar da prática também ser comum no país. Assim como o marcador anterior, o marcador foi domesticado e sua tradução foi uma explicação do que a expressão significa, como o termo pode não ser de conhecimento geral para o público.

O marcador seguinte acontece em uma cena que Issa está rimando em frente ao espelho, ela se imagina fazendo uma rima para Daniel, uma pessoa do seu passado, que vai para a festa que ela pretende ir à noite. Sua rima é inspirada na música "In da club" do cantor 50cent¹⁷, e ela transforma parte da letra em uma referência a si mesma, para comemorar seu aniversário.

Na legenda, a gíria é traduzida como "baixote". Segundo o *Cambridge Dictionary*, "shawty", pode ser considerada como "outra pronúncia para *shorty*¹⁸". Que por sua vez, segundo o mesmo dicionário, é definido como uma gíria usada para "uma jovem atraente"²⁰. Na música, a gíria é utilizada como uma forma de chamar uma mulher de gata ou atraente, já que durante a letra ele tenta falar palavras que sejam capazes de conquistá-la, da mesma forma em que Issa em sua rima usa como uma maneira de se elogiar. Contudo, a gíria foi domesticada e traduzida levando em consideração o adjetivo "short", que pode significar "baixo" em inglês,

¹⁶ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/03/entenda-o-que-sao-os-conceitos-de-tokenismo-e-lavagem-da-diversidade.shtml>. Acesso em: 10 set. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5qm8PH4xAss>. Acesso em: 09 set. 2024

¹⁸ Another spelling of *shorty*

¹⁹ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/shawty>. Acesso em 09 set. 2024

²⁰ An attractive young woman:

²¹ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/shorty>. Acesso em 09 set. 2024

o que pode divergir do tom que a expressão possui dentro do gênero hip hop, usada para se referir a alguém de uma forma carinhosa.

O próximo marcador utilizado também na rima de Issa, é o termo “*nigga*”, uma gíria muito utilizada pelos personagens durante a série, que pode ser considerada como um insulto na língua inglesa. Entretanto, segundo Widawski (2015, p. 79), “quando usados por Afroamericanos para referirem a si mesmos, esses insultos extremamente ofensivos geralmente perdem a conotação negativa e se tornam marcadores verbais de solidariedade em grupo ou identificação”²².

A definição do autor ocorre na série. Durante os episódios, o termo não é utilizado pelos personagens de forma pejorativa ou ofensiva, mas como uma expressão utilizada para se referir aos outros, como é utilizada entre os personagens negros do programa. Isso é evidenciado durante a tradução, em que a palavra foi traduzida para “cara”, traduzindo de uma forma neutra a expressão que, quando aparece, é utilizada para se referir a um homem específico da série, Daniel.

O marcador seguinte ainda acontece quando a personagem principal da série está rimando. Durante o trecho, Issa utiliza para sua rima a frase “*You want some of this pussy pot pie?*”, utilizando como uma forma de humor um alimento popular nos Estados Unidos para se referir a sua genitália.

Segundo o *Cambridge Dictionary*, o alimento é “uma torta recheada com vegetais e geralmente carne, coberta com massa e assada”²³²⁴. Por não ser popular no Brasil, o marcador foi omitido, e como é discutido por Viccino (2007, p. 3) “palavrões geralmente são traduzidos de forma mais amena”, ou até mesmo excluídos, como aconteceu nesta frase com o termo “*pussy*”, que também não aparece na tradução. Para que o texto conseguisse manter o sentido, foi utilizada a frase “Você quer mais dessa bomba aqui?”, para manter o tom provocativo e informal da fala original.

Já na metade do episódio, Issa e Molly chegam a uma balada. Molly não gosta do lugar e Issa mente, falando que já ouviu falar muitas coisas boas sobre o ambiente. Após isso, Molly responde com a seguinte frase “*Nigga, from who, your middle-school Crips?*”, nessa frase dita por Molly, conseguimos localizar os próximos dois marcadores presentes na legenda.

²² *When used by African Americans in reference to themselves, these extremely offensive slurs often lose their negative connotations and become verbal markers of group solidarity or identification.*

²³ *A deep dish filled with vegetables and usually meat, covered with pastry and baked.*

²⁴ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/pot-pie>. Acesso em 09 set. 2024.

Ao se referir a Issa, para perguntar quem elogiou o local, Molly usa um termo já utilizado anteriormente neste episódio, “*Nigga*”, mais uma vez sendo usado como um marcador cultural de língua. Como discutido anteriormente, o termo pode ser considerado ofensivo, porém, incorpora um novo sentido quando usado entre as pessoas da comunidade negra para expressar intimidade, pois como é discutido por Widawski (2015, p. 27), “quando usada pelos próprios afro-americanos, torna-se perceptivelmente menos ofensiva e, na verdade, pode ser usada com afeto”²⁵, por isso, para realizar a tradução, o termo é domesticado e suavizado, e escolhido para substituí-lo, uma palavra que pode ser usada no tratamento de uma com a outra.

Ainda na mesma frase em que o marcador “*nigga*” foi encontrado, temos outro marcador de língua. Molly pergunta espantada para Issa sobre quem indicou o local, por se tratar de um lugar que aparenta não ser tão seguro. Ao fazer essa pergunta, Molly usa a palavra “*crips*” que se refere a uma das gangues da cidade de Los Angeles, que possui uma intensa rivalidade com outra gangue da cidade, os Bloods. Em “*Crips e Bloods: Um Guia para uma Subcultura Americana*”, Covey (2015, p. 41) explica que existem mais de uma suposição sobre como o nome da gangue foi criado, sendo uma delas “que original os *Crips* eram chamados de os *Cribs* (referindo-se a berços de bebê) devido à pouca idade dos membros, que tinham cerca de 17 anos”²⁶.

Na pergunta que Molly faz para Issa; “*Nigga, from who, your middle-school Crips?*” há o questionamento de se as pessoas que elogiaram o local eram pessoas que Issa conheceu durante a época de *middle-school*, que é equivalente aos anos finais do ensino fundamental nos Estados Unidos, e que faziam parte da gangue *Crips*. Na legenda em português, a frase é transformada em “Dos seus amigos de escola?”. É possível observar que a referência da época de escola continuou na tradução, porém a citação ao grupo foi totalmente apagada, sendo substituída apenas por “amigos”, o que de certa forma, não reconstrói a ironia da pergunta, que tem o intuito de indicar que o local é perigoso, por isso estava sendo elogiados por membros de uma gangue da cidade onde as personagens vivem.

Em seguida, Molly e Issa já estão dentro da balada e em um dos momentos começam a falar sobre os homens que estão no local, e Molly cita que todos que estão lá tem “*cornrows*”, que se trata de um estilo de trança e se encaixa como o primeiro marcador cultural de moda.

Segundo o *Collins Dictionary*, o termo pode ser definido como “um penteado no qual o

²⁵ When used by African Americans themselves, it becomes perceptibly less so, and can in fact be used with affection.

²⁶ That originally the Crips were called the Cribs (referring to baby crib) because of the young ages of the members, which was about 17 years.

cabelo é organizado em um padrão de tranças apertadas e paralelas, próximas ao couro cabeludo”²⁷²⁸. Existem diferentes tipos de tranças utilizadas tanto pela comunidade negra dos Estados Unidos, como também do Brasil, que possuem diferentes nomenclaturas. A definição apresentada anteriormente se encaixa no que são chamadas de tranças Nagô no Brasil, palavra de origem Iorubá. Entretanto, na legenda foi utilizada a palavra “trancinhas”, que é de certa forma mais genérica e ampla, que pode ajudar os espectadores da série a entenderem qual característica dos homens Molly estava se referindo, contudo, a tradução generaliza e reduz os penteados existentes a uma só “coisa”.

Em seguida, temos o primeiro marcador de arte do episódio. Molly e Issa estão conversando com um homem que encontraram na balada sobre o irmão dele, e Molly a pergunta; “*You mean he's not a gin and juice, smoke weed every day, fuck bitches, get money kinda guy?*”. *Gin and juice* é título de uma das músicas do primeiro álbum do cantor Snoop Dogg²⁹, e uma das mais icônicas do cantor. Segundo Aubert (2006), canções populares podem também ser consideradas como marcadores culturais, pois “constituem sinais de reconhecimento mútuo e, por seu efeito particularizador, podem gerar dificuldades específicas no processo tradutório” (Aubert, 2006, p. 30), como no exemplo deste marcador. A letra da música narra situações da vida do artista, que está sempre vivendo momentos repletos de festas e curtidão, bebendo suco e gin e utilizando outras substâncias, a música se tornou tão popular que o cantor Snoop Dogg e o produtor musical Dr. Dre lançaram uma marca de bebidas inspirada no nome da canção.

As duas bebidas destacadas no marcador, gin e suco, possuem nomes referentes em português, entretanto, apesar do marcador ter sido domesticado, as duas palavras não foram utilizadas. A utilização do nome da música na pergunta feita por Molly, pretendia enfatizar que a pessoa a que estava se referindo não era alguém que levava o estilo de vida descrito na letra, por isso foi, invés de ser utilizado somente os nomes da bebida, o marcador foi substituído pelo adjetivo “beberrão”.

O penúltimo marcador deste episódio acontece em uma cena que Molly continua reclamando para Issa sobre o lugar que elas estão, e fala que o local é um “*hoodrat-ass club*”. Termo utilizado para se referir a uma pessoa jovem, especialmente mulheres, de uma área urbana empobrecida”³⁰³¹. Além disso, juntamente com a gíria é utilizado o sufixo *-ass*, que

²⁷ A hairstyle in which the hair is arranged in an intricate pattern of tight, parallel braids close to the scalp.

²⁸ Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/cornrow>. Acesso em: 10 set. 2024.

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWCZse1iwE0>. Acesso em: 10 set. 2024

³⁰ A young person, esp a young woman, from an impoverished urban area.

³¹ Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/hood-rat>. Acesso em 10 set. 2024

segundo Widawski (2015, p. 34) “pode ser utilizado para formar adjetivos compostos para indicar um alto nível de uma característica ou natureza específica”³². Tanto a gíria, quanto o sufixo não possuem uma tradução equivalente em português, contudo o intuito pelo qual o adjetivo foi utilizado foi para descrever lugares que geralmente são chamados de “pé sujo” no Brasil.

Segundo Venuti (2021, p. 63), o tradutor precisa ter contato e realizar consultas em “materiais culturais da língua-alvo, variando de dicionários e gramáticas a textos, estratégias discursivas e traduções a valores, paradigmas e ideologias, tanto canônicas quanto marginais”. Em relação às gírias que estão sendo analisadas, é imprescindível que o legendista responsável entrasse em contato com essas ideologias marginais, para entender termos que não são normalmente utilizados dentro da linguagem formal da língua inglesa. Entretanto, pela necessidade de neutralização de alguns termos na legenda, apesar de serem entendidas pelo legendista, essas gírias precisam ser traduzidas de forma mais amena, e garantir que todos os espectadores entendam o que a mensagem quer passar. Isso acontece no marcador cultural “*hoodrat-ass*”, que é traduzido somente por “droga de lugar”, como a gíria utilizada não é apropriada, por se referir a pessoas de lugares mais pobres de uma forma pejorativa.

O último marcador cultural aparece em uma cena do episódio em que Molly está chateada com Issa e as duas estão discutindo, e ela fala que precisa todos os dias conviver com “*real triflin' niggas and real untraditional niggas*”. Dada a frequência com que esse marcador apareceu nesse episódio, é possível perceber que ele é utilizado frequentemente pelos personagens e, na maioria das vezes, para se comunicar de uma maneira informal, entretanto, sem a conotação racista que esse termo pode ter em muitos casos. Como na tradução desse termo, que nas duas vezes foi domesticado, suavizado e traduzido duas vezes por “gente”, para dar a ideia de que a personagem estava se referindo a pessoas no geral.

4.1.2 Hella great

Hella great, em português, Baita profissional, é o primeiro episódio da segunda temporada da série *Insecure*. Neste episódio, foram encontrados 18 marcadores culturais, sendo eles: 15 marcadores de língua, 2 marcadores de arte e 1 marcador cultural relacionado a marcas. Segue tabela com todos os marcadores do episódio:

³² Used to form adjectival compounds to indicate a high degree of a specified characteristic or nature

TABELA 3 - MARCADORES CULTURAIS DO SEGUNDO EPISÓDIO

Marcador original	Marcador traduzido	Categoria	Estrangeirização, domesticação ou omissão?
<i>I'm a liar, sweetie. I cheat on niggas, too.</i>	Sou mentirosa, gato. Além disso, eu sou infiel.	Língua	Omissão
<i>I'm so dead inside, nigga, I cry every day.</i>	Estou tão triste que choro todos os dias.	Língua	Omissão
<i>I definitely spent an entire session trying to explain what "being woke" was to Dr. Rosenberg.</i>	Passei uma sessão inteira tentando explicar o significado de "estar ligada" pra Rosenberg.	Língua	Domesticação
<i>And then I said "nigga" in front of Dr. Connors and he wanted to use the rest of the time - trying to "unpack that."</i>	Quando falei " nega " para o Dr. Connors ele quis falar do tema o resto da sessão.	Língua	Domesticação
<i>Okay, I see you with the superhuman nigga repellent.</i>	Está com o seu radar desligado.	Língua	Omissão
<i>One day I looked over, my dick meter was all the way on E.</i>	Um dia eu me toquei que estava sem homem	Língua	Domesticação
<i>Join the club, bitch. Dick on E. Bank account on E. Life on</i>	Somos duas, louca. Sem homem, sem grana, sem vida.	Língua	Domesticação

<i>E.</i>			
<i>Niggas on niggas on niggas.</i>	Pegação geral.	Língua	Omissão
<i>This reminds me of the fifth day of Kwanzaa.</i>	Isso me lembra do quinto dia de Kwanzaa.	Arte	Estrangeirização
<i>And then I saw this white nigga's paycheck.</i>	Aí, vi o holerite do branquelo	Língua	Domesticação
- <i>I'm not surprised.</i> - <i>Like, full ja...</i> - <i>Like, you ever see "Lock Up Abroad?"</i> - <i>Mm.</i> - <i>They gonna lock a broad up.</i>	- Isso não me surpreende. - Já viu " Lockup Abroad "? - Eles prendem o povo.	Arte	Estrangeirização
<i>You said that a nigga always comes back whe he thinks that you're good</i>	Você disse que os caras voltam quando nos veem bem	Língua	Omissão
<i>Nigga, no!</i>	Não!	Língua	Omissão
<i>And Tapatio.</i>	E molho de pimenta	Marca	Domesticação

Fonte: A autora

O episódio tem foco na tentativa de Issa de superar o seu antigo relacionamento, por isso, ela vai em busca de conhecer novas pessoas, como homens que encontra em aplicativos de relacionamento, como aparece nas primeiras cenas deste capítulo. O início do episódio mostra Issa imaginando que um dos homens que estão com ela no encontro é seu ex-namorado, Lawrence. Após estar de volta a realidade, Issa é confrontada por eles com perguntas sobre o motivo de estar usando aplicativos de relacionamento e porque ainda estava solteira e ela os responde mentalmente com uma rima, na qual são apresentados os três primeiros marcadores culturais da série. Assim como no episódio anterior, o marcador cultural de língua *nigga* também é bastante utilizado. Logo no início do episódio, a expressão aparece duas vezes na mesma cena e, nas duas, ele é omitido.

Diferentemente das outras vezes que a expressão apareceu na série e foi domesticada e suavizada, desta vez foi totalmente omitida. Segundo Pires (2023, p. 23), o tradutor deve “desenvolver a percepção e sensibilidade para saber quando ele deve ou não manter a literalidade, desviar com consciência do texto de partida, omitir com liberdade”. Pela quantidade de vezes em que o termo aparece nas falas das quatro personagens, podemos perceber que além de uma forma de se referir uns aos outros é também um vício de linguagem, as frases ditas na rima de Issa poderiam ser entendidas sem o uso da palavra “*nigga*”, entretanto, por ser tão comum para ela, acaba sendo inserida. Além disso, a liberdade de omissão que o tradutor deve ter, de acordo com Pires (2023), leva em consideração a quantidade de caracteres que as legendas podem possuir, nesse caso, os marcadores destacados anteriormente não mudariam o sentido da frase e, possivelmente por essa razão, foram omitidos.

O terceiro marcador cultural desse episódio, assim como os outros dois anteriores, está na categoria de marcadores de língua. Ele aparece quando Molly está contando para Issa sobre a sua nova terapeuta. Segundo ela, apesar de não gostar tanto do processo, se sente mais segura com a sua psicóloga atual, por ela também ser negra. Ela justifica que quando estava sendo consultada por outra profissional, que era branca, precisava passar toda a sessão explicando para ela algumas expressões, como o primeiro exemplo, “*being woke*”.

Em inglês, a palavra “*woke*” pode ser usada para se referir ao verbo “acordar” no tempo verbal do passado. Entretanto, a palavra há alguns anos ganhou também um novo significado. De acordo com uma matéria da BBC, publicada em agosto de 2024, “o uso do termo “*woke*” surgiu na comunidade afro-americana. Originalmente, ele queria dizer “estar alerta para a injustiça racial”³³ (BBC, 2024). Apesar de que, de acordo com a matéria, o termo desde 2020

³³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do>. Acesso em 12 set. 2024

tenha começado a ser utilizado de modo irônico por apoiadores da política de direita dos Estados Unidos, a expressão foi utilizada na série para descrever o posicionamento de Molly, que está sempre lutando por justiça social e racial durante a série.

Como apresentado durante a fundamentação do trabalho, Venuti (2021, p. 15), acredita que “qualquer forma ou prática cultural pode abarcar interpretações múltiplas”, como por exemplo, o termo “*woke*”, que poderia ser traduzido levando em consideração o sentido inicial da palavra, entretanto, foi domesticado e traduzido para “estar ligada”, ressaltando o significado da expressão, ao se referir à uma pessoa bem-informada sobre as causas sociais.

A seguir, Molly continua falando sobre suas experiências com antigos terapeutas, e cita outro que também era branco. Mais uma vez, é utilizado na série a expressão “*nigga*”. Apesar deste marcador cultural já ter sido apresentado antes, essa é a que apresenta a tradução mais diferente de todas elas. Como citado anteriormente, o termo “*nigga*”, quando utilizado entre pessoas negras ganha um novo sentido, e é um termo geralmente utilizado para se referirem uns aos outros. Entretanto, Molly relata a situação em que usou a palavra enquanto conversava com uma pessoa branca, que possivelmente não entende a gíria da mesma forma, como caso realizasse o uso da palavra, não seria interpretado de uma forma desrespeitosa e como um insulto, e só reconhece a palavra como sendo utilizada desta forma. O marcador foi novamente domesticado, porém, diferente das traduções anteriores em que era traduzido por “cara” ou “gente”, neste caso foi utilizado o termo “nega”, com uma tentativa de adaptar ao contexto brasileiro, no qual a palavra pode ser utilizada de duas maneiras: para se referir ao outro de forma carinhosa, mas pode também ser utilizada de uma forma ofensiva, dependendo do contexto.

Em seguida, enquanto Molly e Issa caminham e conversam, passa por elas um homem correndo, Issa aponta para ele disfarçadamente para que Molly veja, porém ela não percebe. Nesse momento, temos o quinto marcador cultural do episódio, que também está na categoria de marcadores relacionados à língua. Novamente o termo “*nigga*” aparece, e é para se referir a um homem desconhecido. Na legenda em português, o termo é omitido. Segundo Diaz Cintas e Remael (2021, p. 216), a omissão na tradução geralmente ocorre quando “a referência original é desconhecida pelo público-alvo e o resto do contexto é claro o suficiente para que a frase seja entendida”³⁴, como no caso da utilização do termo “*nigga*” nesta frase.

³⁴ *The original reference is unknown to the target audience and the rest of the context is clear enough for the utterance to be understood.*

As duas amigas continuam conversando e Molly fala que realmente está funcionando como um repelente de homem e que um dia, de repente, percebeu que em sua vida não havia nenhum, para expressar isso, ela fala que seu “*dick meter was all the way on E*”.

De acordo com Guedes e Mozzillo (2014, p. 280) os marcadores culturais podem ser considerados como “elementos que distinguem uma língua fonte de uma língua alvo –, tais como expressões idiomáticas, metáforas, jogos de palavras, referências de humor”. Para construir o humor da frase, é utilizado o sistema de avaliação de notas utilizado nos Estados Unidos, o *Grade Point Average* (GPA). Nele, diferente da maioria dos lugares no Brasil, nos quais as notas são dadas de 0 a 10, as notas são representadas por letras, sendo a letra F destinada para a nota 0.

O marcador seguinte aparece pouco depois, usando como referência novamente ao GPA, quando Issa concorda e afirma que a mesma situação está acontecendo na sua vida. Vale ressaltar também que, no inglês, as duas referem-se as partes íntimas masculinas, entretanto na tradução isso é suavizado.

Nos dois casos, a ideia que as personagens pretendem falar ao referirem que estão “*on E*” em alguma área da sua vida é indicar que estão “zeradas” naquele quesito. Como a atribuição de notas por letras não é tão comum no Brasil, manter essa referência poderia causar confusão em parte dos espectadores da série, por isso, o termo foi domesticado e utilizado no lugar a preposição “sem”, para indicar a falta de algo na vida de Issa e Molly.

Apesar da premissa deste episódio ser sobre a tentativa de Issa superar seu ex-namorado, o marcador seguinte aparece em uma cena que ela está rimando para o espelho, imaginando-se em uma conversa com ele. Durante essa cena, ela oscila entre comportamentos contraditórios. Em alguns momentos, ela demonstra ter desejo e querer se relacionar com ele novamente e, em outros, ela tenta demonstrar desapego e superação para com ele. Em uma das partes em que demonstra ter superado Lawrence, novamente o termo “*nigga*” aparece e, desta vez, é repetido três vezes na mesma frase.

As palavras são ditas em uma fala na qual Issa finge em sua rima que existem muitos homens na sua vida no momento. A expressão ao ser traduzida foi domesticada e omitida, como já ocorreu com esse termo anteriormente na série, e substituída por “pegação geral”. Apesar da expressão ter sido retirada, a versão em português conseguiu manter o sentido de que a vida amorosa da personagem estava agitada.

Ainda durante a cena em que Issa está conversando com si mesma em frente ao espelho, o próximo marcador cultural do episódio aparece. Diaz Cintas e Remael (2021, p. 203), dedicam um capítulo para elencar “referências culturais do mundo real”, em que eventos culturais

aparecem como referências etnográficas de arte, mídia e cultura. O primeiro marcador relacionado a tal categoria é relacionado a um evento chamado *Kwanzaa*, uma celebração da comunidade negra dos Estados Unidos. Segundo Machado (2023), em uma matéria³⁵ para a Revista Raça, “Maulana Karenga criou o Kwanzaa durante os motins de Watts, bairro de Los Angeles, onde morreram 34 pessoas e deixaram milhares de feridas devido um conflito entre a população negra e policiais brancos”, o evento foi difundido e é comemorado hoje como uma celebração afro-americana. Apesar de existirem registros de alguns grupos que celebram o evento no Brasil, o número ainda é muito pouco, e a celebração não é conhecida por boa parte da população.

Apesar da comemoração não ser de conhecimento geral do público-alvo, o tradutor decidiu manter o termo. É defendido por (Pires, 2023, p. 12), que “quanto mais o tradutor mostrar aspectos da estrangeiridade do texto, em sua tradução, mais chance de se desenvolver um público-leitor mais aberto às diferenças linguísticas e culturais”, como acontece neste momento da série, em que espectadores que não conheciam a celebração, podem ter um primeiro contato.

Mais à frente no episódio, em um momento no qual Molly está falando sobre as diferenças salariais no seu emprego, é apresentado mais um marcador cultural de língua. Novamente é utilizado o termo “*nigga*”, no entanto, dessa vez para se referir a uma pessoa branca. O termo, que na maioria dos casos, é utilizado para se referir a pessoas negras, é utilizado pela personagem para se referir de forma irônica a uma pessoa branca. Por isso, além da expressão ter sido domesticada, foi utilizado para tradução, um termo que pudesse transparecer o tom jocoso no qual o marcador original foi utilizado.

Em resposta a Molly, Kelli fala que reparação histórica faz seus clientes brancos receberem uma restituição menor, mas pede para que Tiffany não conte a ninguém, ou será presa por isso. De acordo com Guedes e Mozzillo (2014), referências de humor podem ser também consideradas marcadores culturais, com isso, mais um marcador aparece neste episódio. Kelli usa como exemplo a série “*Lockup abroad*”

Como apresentado durante a fundamentação deste trabalho, segundo Souza e Silva (2019), os títulos de filmes e outras produções audiovisuais não-brasileiras geralmente são traduzidos para que chamem atenção do público-alvo. Apesar de existir um título em português para a série “*Lockup Abroad*” que é “Presos no Estrangeiro”, o título original foi mantido, pois é feito um trocadilho com o nome para gerar humor. Apesar da prática de estrangeirização ter

³⁵ Disponível em: <https://revistaraca.com.br/kwanzaa/>. Acesso em: 12 set. 2024.

sido realizada no título, ainda assim o sentido da piada acaba sendo perdido, já que foi utilizado novamente na frase em seguida, para evidenciar que ela seria presa caso as pessoas descubram o que ela faz.

O próximo marcador de língua aparece em uma cena do episódio em que Issa e Molly estão conversando sobre Lawrence, ex de Issa. Ela esperava que ele fosse até a casa dela buscar a correspondência, mas ele não vai. Molly briga com Issa por ainda querer contato com ele, em resposta, Issa culpa Molly por ter dito que os homens sempre voltavam quando viam suas ex-parceiras bem, durante esse diálogo é utilizado novamente a expressão “*nigga*”. Novamente o termo é domesticado, e traduzido pela palavra “cara”, como já havia sido traduzido anteriormente durante a série.

O mesmo marcador cultural de língua, “*nigga*”, é utilizado mais uma vez, e pela última nesse episódio um pouco a seguir. Uma festa começa na casa de Issa, com algumas pessoas do seu bairro que ela não conhece, o ambiente apesar de pequeno está cheio de pessoas, um acidente acontece e parte do apartamento começa a pegar fogo. Durante a fuga das pessoas que estavam lá, um dos homens presentes pede o número de Kelli, e na resposta dela a expressão “*nigga*” é utilizada. O termo é omitido, como a frase consegue manter o sentido sem o uso da expressão.

O último marcador cultural do episódio aparece nas cenas finais do capítulo, em que o ex-namorado de Issa vai até o apartamento dela pegar alguns pertences dele que ainda estavam lá. Ele nota que uma das almofadas que ficavam no sofá não está mais lá e pergunta o que aconteceu, Issa mente e diz que deve ter sumido, mas ele presume que ela derrubou algo nela, por isso não está mais lá. Issa confirma e diz que derrubou vinho e *Tapatio*, que é o nome de uma marca de pimentas vendida do estado da Califórnia. Temos assim, como é categorizado por Marques (2018), o primeiro marcador cultural relacionado a marcas do episódio.

Segundo as diretrizes de legendas da *Netflix*, caso a marca não exista no país do público-alvo das legendas, o nome do produto pode ser adaptado para um nome genérico que se refere ao item. Como aconteceu no caso da marca “*Tapatio*”, que não existe e não é conhecida no Brasil, por isso, o nome da marca foi domesticado e adaptado para informar o que é o produto, um molho de pimenta. Manter o nome original da marca poderia causar confusão em leitores que não a conhecem, por isso foi escolhido realizar a adaptação.

4.1.3. High-like

High-like, em português, Tipo chapada, é o quinto episódio da terceira temporada da série *Insecure*. Nesse episódio, foram encontrados 16 marcadores culturais, ditos pelas quatro personagens principais analisadas. Sendo eles, 8 marcadores de língua, 4 marcadores de arte, 1 marcador de culinária e 4 marcadores relacionados a marcas. A seguir, está a tabela com os marcadores culturais do episódio:

TABELA 4: MARCADORES CULTURAIS DO TERCEIRO EPISÓDIO

Marcador original	Marcador traduzido	Categoria	Estrangeirizado, domesticado ou omitido?
<i>I got your Coachella clothes.</i>	Trouxe sua roupa	Arte	Omissão
<i>And a dozen Cadbury Creme Eggs</i>	E doze ovos de chocolate	Marca	Omissão
<i>He's not going in my car. I hate that nigga.</i>	No meu carro não. Odeio cachorro.	Língua	Omissão
<i>I know these niggas did this reboot 'cause they're broke, but I'm here for it.</i>	Eles retomaram a série por que estão quebrados, mas eu dou todo apoio.	Língua	Domesticação
<i>Airbnb all zay</i>	Airbnb maneiro	Marca	Estrangeirização
<i>Maybe you should Airbnb your new spot so you can make some extra cash.</i>	Transforme seu apê em Airbnb para faturar um dinheiro extra.	Marca	Estrangeirização
<i>Another naked nigga.</i>	Olha aquele gostosão ali!	Língua	Domesticação
<i>Janelle Monáe made it OK</i>	Ninguém conhece ninguém, então beleza.	Arte	Omissão

<i>I'm Molly and I'm on Molly. So that means I'm Molly squared.</i>	Olha só. Eu sou a Molly.. estou tomando MDMA. Dose Dupla.	Língua	Domesticação
<i>Is this Couples-chella?</i>	É uma balada para casais?	Língua	Domesticação
<i>Come on, lil' nigga</i>	Vem, nequinho	Língua	Domesticação
<i>Yo, we should start a group and perform at Coachella.</i>	Vamos montar uma banda e apresentar no festival	Arte	Domesticação
<i>It's not that high. But we are.</i>	Não é tão alto! Mas nós estamos altos.	Língua	Domesticação
<i>Who took my other waffle?</i>	Quem pegou meu outro <i>waffle</i> ?	Culinária	Estrangeirização
<i>Nigga, a track is missin'.</i>	Está faltando uma faixa.	Língua	Omissão

Fonte: A autora

O foco deste episódio é uma viagem que Issa, Molly, Tiffany e Kelli fazem para assistir o festival *Coachella*. O primeiro marcador cultural a aparecer no episódio é da categoria de marcadores de arte, e acontece quando Issa menciona o nome do festival pela primeira vez, ao chegar no trabalho de Molly e informar que levou a roupa dela.

Segundo uma matéria³⁶ do The Standard (2023), as ideias para a criação do festival iniciaram em 1993, com um show da banda *Pearl Jam* na cidade de Indio, Califórnia, que tinha o intuito de boicotar uma grande empresa de vendas de ingressos. O show motivou os organizadores a criarem um evento na cidade que, devido ao fato de estar localizada em um deserto, não tinha muitas opções de entretenimento. Com isso, o festival teve sua primeira edição em 1999, com foco inicial em música Indie e Rock, porém, incluindo diferentes gêneros nos anos seguintes. Apesar de o festival existir há bastante tempo, não existe uma versão dele no Brasil, e não é conhecido por grande parte da população do país. Com isso, o nome do festival nesta cena foi totalmente omitido. De acordo com Francisco (2016, p. 94), “na infinidade de decisões que um tradutor toma na tradução de um texto, e considerando toda a complexidade envolvida em cada situação tradutória, seria impossível ser apenas estrangeirizante ou apenas domesticador”, o que justifica situações como essa em que o tradutor decide por omitir algum marcador cultural que não irá trazer grande impacto para a compreensão do que está sendo dito.

O mesmo acontece com o marcador a seguir, que aparece em uma cena que Issa fala que trouxe chocolates para Molly, contudo, utiliza o nome da marca de chocolate britânica, *Cadbury*, para dizer isso. Como a marca não é conhecida no Brasil, para a adaptação da mensagem para a cultura alvo, o nome da empresa foi excluído e a frase ficou composta apenas por uma explicação geral do que é o produto.

A seguir, um marcador de língua bastante utilizado pelas personagens aparece novamente, em uma cena que Molly pergunta para Issa sobre seu cachorro, que Issa está cuidando, e pergunta se ela já o deixou na creche, ela brinca e fala que ele está no porta-malas do carro, mas, depois esclarece que está mentindo e diz que não irá levar ele no carro pois o odeia, e utiliza o termo “*nigga*” para se referir a ele. Entretanto, na tradução é feita uma generalização, como se ela odiasse todos os cachorros e o termo é omitido.

O processo de omissão de nomes de marcas que já aconteceu anteriormente nesse episódio, também acontece no marcador seguinte. Porém, um erro foi cometido, primeiramente na legenda da série em inglês, o que pode ter influenciado a tradução. Ainda no escritório de Molly, Issa fala que já aprendeu a coreografia da música *Formation* da cantora Beyoncé, que elas pretendem assistir à apresentação no *Coachella*. Issa faz uma coreografia engraçada e diferente, e Molly fala “*That’s the Tootsee Roll*”. *Tootsee Roll* é uma música³⁷ do grupo de rap

³⁶Disponível em: <https://www.standard.co.uk/lifestyle/coachella-music-festival-history-highs-lows-kylie-jenner-kendall-2023-b1073982.html>. Acesso em: 13 set. 2024

³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qs7f3ssuEjA>. Acesso em 15 set. 2024.

69 *boyz*, que ficou conhecida principalmente por sua coreografia e faz referência a marca de doces *Tootsie Roll*, que é o nome que aparece na legenda da série. Por isso, o termo original é omitido e na tradução é utilizado um nome genérico do produto, que pode ser comparado com o caramelo vendido no Brasil. Entretanto, pela troca de nomes que ocorreu, a tradução pode causar estranhamento por não se tratar do que realmente a personagem desejava se referir que, no caso, era a coreografia feita por Issa.

Alguns minutos depois no episódio, Kelli e Tiffany estão assistindo a uma série enquanto esperam Issa no carro para viajar. Nesse momento do episódio, novamente o termo “*nigga*” aparece como um marcador cultural de língua. Assim como outras vezes em que foi dito na série, podemos perceber que o termo é usado na maioria das vezes como um vício de linguagem das personagens, em que usam para se referir a diferentes pessoas, como por exemplo, desta vez, os criadores da série em que estavam assistindo. O termo na tradução é domesticado e suavizado, e é usado somente “eles”, para se referir aos responsáveis pelo programa.

A seguir, quando Issa, Tiffany e Kelli chegam ao lugar em que irão ficar hospedadas antes do festival, mais um marcador relacionado a marca aparece duas vezes, primeiro quando Issa elogia o lugar com a frase “*Airbnb all zay*”, e em seguida, Kelli também utiliza o nome da marca para dizer a Issa que ela deveria alugar o novo apartamento dela como Airbnb para ganhar dinheiro. A marca se trata de uma plataforma, que serve para alugar locais em diferentes cidades, para períodos de viagem. Segundo Quinto (2022), para uma matéria do Jornal da USP³⁸, “a plataforma Airbnb chegou ao Brasil em meados de 2012”, o autor ainda indica que o programa é um grande concorrente para outras redes de hotel do país. Diferente de outros marcadores relacionados a marcas que já apareceram durante o trabalho e foram domesticados para um nome genérico do produto, desta vez o tradutor optou por manter o nome da empresa, por se tratar de uma marca já reconhecida no país.

No outro dia em que chegam na cidade, Issa leva suas amigas para uma festa na piscina, para a qual foi convidada por uma nova pessoa com quem está se relacionando, chamado Nathan. Ao chegar no local, todas as pessoas lá estão se divertindo e com trajes de banho, nesta cena novamente o termo “*nigga*” aparece, em um momento que Kelli vê um homem que considera atraente e fala que apareceu outro “*naked nigga*”.

³⁸ Disponível em: <https://jornal.usp.br/podcast/plataforma-airbnb-cresceu-no-brasil-por-meio-da-propaganda-digital/#:~:text=A%20plataforma%20Airbnb%20chegou%20ao%20Brasil%20em%20meados%20de%202012..> Acesso em 16 set. 2024.

Segundo Aubert (2006), as formas de tratamento são aspectos gramaticais que podem conter marcados culturais, e “podem ser observadas marcas desta natureza particularizadora nas intertextualidades que fazem sentido em determinado complexo língua/cultura, mas fazem outro sentido (ou sentido algum) em outros complexos língua/cultura” (Aubert, 2006, p. 24). Como pode ser observado, a palavra “*nigga*” é bastante utilizada durante a série pelos personagens para se referirem a outras pessoas, entretanto, traduzir o termo de forma literal em muitas das vezes em que foi utilizado não iria fazer sentido para a cultura alvo. Por isso, as escolhas tradutórias foram diversas por outros termos que poderiam ser utilizados para substituir, como neste exemplo, em que Kelli está se referindo a um homem que considera atrativo e além de tudo utiliza de ironia na frase, falando que ele está nu. Com isso, no processo tradutor, o termo foi domesticado e utilizado “gostosão” nas legendas em português.

O marcador cultural seguinte também aparece em uma fala dita por Kelli, em que está novamente observando as pessoas da festa e fala que quer fazer sexo com alguns dos homens e algumas das mulheres que estão lá, Tiffany a responde falando que ela é louca, e como justificativa para o que falou, Kelli cita a cantora norte-americana Janelle Monáe.

Em uma entrevista para a Rolling Stones³⁹, publicada em 2018, mesmo ano em que o episódio que está sendo analisado foi lançado, Janelle Monáe declarou ser uma mulher pansexual, orientação sexual em que as pessoas sentem atração por outra independente do gênero. O nome da cantora é utilizado por Kelli na série para indicar que poderia sentir atração por pessoas de ambos os sexos, pois a cantora tornou isso “ok”. Por não se tratar de uma cantora brasileira e que é tão popular no Brasil, além do fato das legendas precisarem ser curtas e durarem “no máximo seis segundos” (Viccino, 2007, p. 3), não teria espaço possível para explicar o contexto da fala da personagem e que a utilização do nome da cantora pudesse ser compreendida, por isso, a citação foi excluída. Para a tradução, foi utilizado o fato de que as pessoas da festa não se conheciam, por isso estava tudo bem ela se relacionar com diferentes pessoas.

Um pouco depois, durante a festa, o novo parceiro de Issa apresenta para ela e suas amigas alguns amigos seus que estão lá. Um deles oferece para elas MDMA, e todos, exceto Tiffany que está grávida, tomam. Algum tempo depois, eles começam a sentir os efeitos da substância e Molly faz um comentário sobre isso.

De acordo com Guedes e Mozzillo (2014), jogos de palavras podem ser considerados como marcas culturais de uma língua, como o que ocorre na frase dita por Molly. Segundo

³⁹ Disponível em: <https://www.rollingstone.com/music/music-features/janelle-monae-frees-herself-629204/>. Acesso em 16 set. 2024.

Palamar (2016), a palavra Molly, abreviação de “molecular”, começou a ser usado como um nome informal para a substância MDMA, e se tornou popular nos Estados Unidos, sendo utilizada em diversas músicas. A personagem utiliza isso para fazer uma piada, por se chamar Molly e está utilizando uma droga com o mesmo nome, ela seria “Molly ao quadrado”. Na tradução da frase, não foi possível manter o jogo de palavras, como a substância no Brasil é chamada apenas de MD ou MDMA, e não Molly. Como pontuam Guedes e Mozzillo (2014, p. 284), “não é possível converter o texto de uma língua para outra sem que haja essa relação de troca semântica e lexical”, sendo assim, em toda tradução sempre haverá perdas e ganhos, que em alguns casos podem ocasionar a perda do humor da frase, como nesta situação.

Em seguida, enquanto já estão no festival *Coachella*, algumas das amigas estão formando um casal, Issa com Nathan, enquanto Molly e Kelli estão com amigos dele que conheceram durante a festa da piscina. Somente Tiffany está sozinha, como seu marido não viajou com elas, para expressar que está chateada com essa situação, ela pergunta se o festival é “*couples-chella*”.

É possível observar na palavra “*couples-chella*” que Tiffany realiza através da junção de duas palavras, “casais” em inglês, com o nome do festival em que elas estão, para indicar que todas estão acompanhadas, menos ela. Mesmo com a adição de outra palavra, o trocadilho ainda parece foneticamente com o nome original do festival, que proporciona o humor da frase. Em português, além do nome do festival não aparecer durante as legendas deste episódio, não seria possível realizar uma junção que soasse parecida com a palavra dita por Tiffany em inglês, por isso, na tradução o termo foi domesticado e traduzido por “balada para casais”.

Em seguida, enquanto as amigas estão se divertindo no show, começam a sentir os efeitos das substâncias que utilizaram antes e durante o festival. Molly sai com Nathan da parte onde estavam, perto do palco, para procurar água e Kelli também resolve ir, e chama para acompanhá-la o rapaz que conheceu antes, nesse momento mais uma vez é utilizado no episódio o termo “*nigga*”.

A palavra “*lil*”, é uma forma reduzida para “*little*”, e pode ser utilizada em contextos informais para expressar carinho, nesta frase é utilizada pela personagem junto com o termo “*nigga*”, para se referir de maneira afetuosa ao rapaz em que estava conhecendo. Devido ao tom em que a expressão foi utilizada, ao ser domesticado, foi escolhido pelo tradutor utilizar a expressão “neguinho”, que também pode ser utilizado de uma forma carinhosa no português.

Em seguida, quando Molly e Nathan saem de perto do palco, por estar sob o efeito do MDMA, Molly começa a rir alto para Nathan enquanto eles conversam, ela se assusta ao perceber e pergunta se falou isso em voz alta, em resposta, ele também rima para ela, Issa se

diverte quando ele faz isso, e diz que eles deveriam montar uma banda para se apresentarem no *Coachella*. Novamente, o nome original do evento não aparece, apesar disso ele não é totalmente omitido como nos outros exemplos durante o episódio, pois a frase não faria sentido sem uma referência a ele, por isso, é domesticado e traduzido somente por “festival”.

Após isso, eles começam a andar no local em que está sendo realizado o festival, encontram uma roda gigante e decidem entrar. Quando chegam ao alto, Nathan fala que está com medo e, para tranquilizar ele, Issa fala que eles não estão em uma grande altura. Novamente é utilizado no episódio um jogo de palavras, dessa vez com o adjetivo “*high*”, que pode ser utilizado para indicar altura, mas também pode significar “estar chapado”. O título do episódio, que se chama *High-like*, é traduzido em português utilizando este sentido, e sua versão no idioma é Tipo chapada. Entretanto, caso a palavra na frase de Issa fosse traduzida neste sentido, não seria possível relacionar com a altura da roda gigante. Por isso, a tradução para português é “altos”, que geralmente é utilizado para se referir a pessoas que estão bêbadas ou alteradas, conseguindo de certa forma manter o sentido do trocadilho.

As cenas do episódio após algum tempo retornam para Kelli, que está voltando para o lugar onde estavam no começo do show, com um *waffle* na mão, ela pergunta onde o outro está e o amigo de Nathan que está com ela relembra que ela comeu no lugar onde compraram. De acordo com Guedes e Mozzillo (2014, p. 284) “a tradução é uma atividade na qual ao menos duas línguas, culturas e sociedades distintas estão em contato”, incluindo também alimentos, *waffles* são um prato típico da cultura dos Estados Unidos, apesar disso, foi utilizado pelo tradutor a técnica de estrangeirização, e o termo continuou o mesmo.

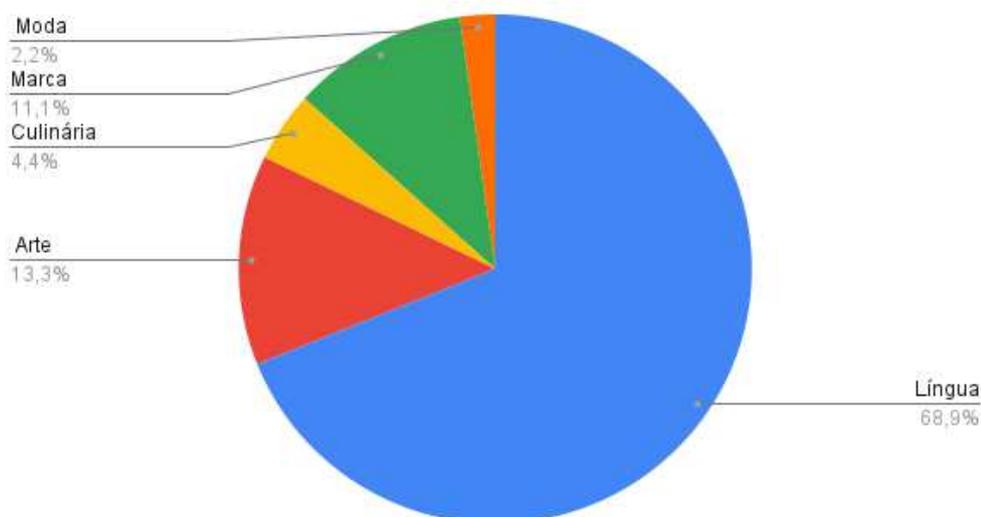
O último marcador do episódio acontece no outro dia, em que as amigas estão em casa após terem sido expulsas do festival, pois Kelli brigou com pessoas que tomaram o lugar que elas estavam no show. Todas acordam no outro dia muito cansadas e em um dos momentos, Issa pergunta o que aconteceu com o cabelo de Molly, que está com aparência bagunçada. Para responder que uma das faixas de alongamento do seu cabelo está faltando, ela utiliza antes o termo “*nigga*”, que mais uma vez aparece na série. Como é possível o contexto da frase ser entendido sem o termo, ele é novamente omitido da legenda.

4.2. LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DOS RESULTADOS

Nesta subseção, será descrito e analisado o resultado geral encontrado através de gráficos e indicações da quantidade de marcadores por episódio. No total, foram localizados 46 marcadores culturais. O episódio no qual mais foram encontrados marcadores culturais foi no

segundo, em que foram contabilizados 18 marcadores. A categoria mais encontrada foram os marcadores de língua, que foram 31 marcadores (68,9%).

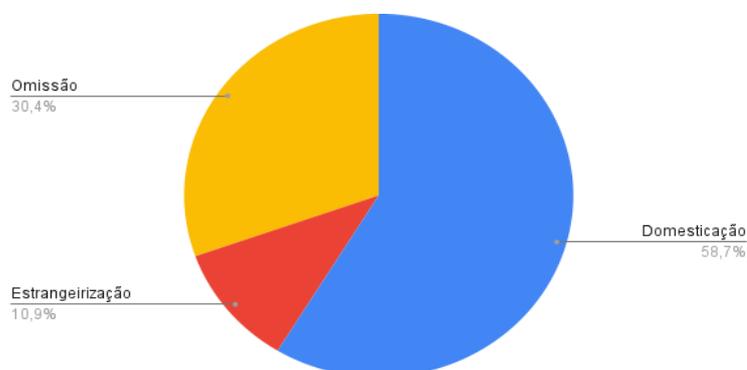
GRÁFICO 1 - TOTAL DE MARCADORES



Fonte: A autora

Em relação a quais práticas de tradução utilizadas, além das categorias de Estrangeirização e Domesticação propostas por Venuti (2019, 2021), foi adicionada outra categoria para os marcadores culturais que foram omitidos. É possível observar que a prática mais utilizada foi a de domesticação, que foi utilizada em 27 marcadores (58,7%)

GRÁFICO 2 - PROCESSOS TRADUTÓRIOS UTILIZADOS



Fonte: A autora

A partir dos dois gráficos é possível observar que a predominância de marcadores foi referente à categoria de língua, que estavam sempre presentes na fala das personagens, especialmente alguns termos que se repetiram mais de uma vez, como a expressão “*nigga*”. Em relação aos procedimentos tradutórios utilizados, a Estrangeirização foi a menos escolhida, possivelmente pelo fato de que manter os marcadores culturais originais poderia dificultar o entendimento do conteúdo da série pelos espectadores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta seção apresenta as considerações finais desta monografia, através da revisita aos pontos discutidos, análise das contribuições propostas no trabalho e reflexões acerca dos objetivos propostos.

Este trabalho teve como objetivo geral analisar os marcadores culturais presentes em três episódios da série *Insecure*, com foco nas falas de quatro personagens, Issa, Molly, Tiffany e Kelli. Os marcadores foram analisados a partir da teoria de domesticação e estrangeirização proposta por Venuti (2019 e 2021). Para isso, os marcadores foram identificados e categorizados em cinco diferentes grupos: Marca, Moda, Arte, Culinária e Língua. Em seguida, foi analisado qual processo foi utilizado na tradução dos marcadores, se foi realizada a estrangeirização, omissão, ou, se foram omitidos.

Para tal, o arcabouço teórico do trabalho teve início com discussões acerca da área de TAV, com foco específico na legendagem, prática que compôs nosso *corpus*. Foram discutidas diferentes tipos de legendas, interlinguais e intralinguais, e sobre os desafios enfrentados pelos tradutores ao realizarem as legendas, como por exemplo, a limitação na quantidade de caracteres ou a necessidade de suavizar palavras tabus. Além disso, apresentamos as diretrizes propostas aos legendistas pelo *streaming* utilizado neste trabalho, a *Netflix*.

Em seguida, as teorias de Estrangeirização e Domesticação propostas por Venuti (2019, 2021) foram contextualizadas, além de apresentação de outras visões como a de Francisco (2016), que acredita que a dicotomia das duas teorias pode ser problemática, e apresenta outros caminhos de tradução. A última parte da fundamentação teórica foi reservada ao principal tema deste trabalho, os marcadores culturais. Nesta seção foram apresentadas diferentes percepções do que podem ser considerados marcadores culturais, como as de Aubert (2006), Guedes e Mozzillo (2014), e outros, além das classificações de marcadores propostas por Marques (2018), que serviram como base para a categorização dos marcadores apresentados neste trabalho.

Logo após, foi exposto a metodologia do trabalho, em que apresentamos como foi realizada a coleta e geração de dados. Para isso, foram assistidos os episódios utilizados, para que fossem retiradas as legendas do idioma original e em português, em seguida, elas foram colocadas em uma tabela, para ser criado um *corpus* paralelo, com os dois idiomas, além de conter a categorização dos marcadores, e por qual processo tradutório passaram.

Foram analisados três episódios, nos quais foi possível localizar 46 marcadores. Em relação a categoria destes marcadores, os mais encontrados foram os marcadores de língua, que somaram 31 no total. Dentro desta categoria, uma expressão foi a mais encontrada e apareceu diversas vezes durante os três episódios, sendo ela o termo “*nigga*”, que fez parte de mais da metade dos marcadores de língua, contabilizando ao total, 19 vezes.

Apesar de ter sua origem como um termo utilizado de forma pejorativa, é possível perceber que na série o termo é utilizado de uma forma descontraída e como uma forma de tratamento entre si e com outros. A expressão foi traduzida de diversas formas, tais como, “cara”, “gente”, “amiga”, “neguinho”, e até mesmo por “branquelo”, quando o termo foi utilizado para se referir de uma forma irônica a uma pessoa branca, para tentar transmitir na língua alvo a palavra sendo utilizada como uma forma de tratamento.

Além deste, vale destacar o uso de outros termos relacionados a questões raciais na série, que foram classificados dentro da categoria de marcadores de língua, incluindo os termos “*blackface*” e “*token*” que, em sua tradução, foram domesticados e traduzidos pela forma literal do que o termo se trata. Apesar de serem expressões utilizadas por determinados públicos no

Brasil, seu significado ainda não é totalmente compreensível para todos e poderiam não ser entendidas caso o tradutor decidisse por manter os termos. Ainda em relação aos marcadores de língua, podemos ressaltar a tradução dos jogos de palavras, que na maioria das vezes precisaram ser transformados e domesticados, pois não seria possível manter o sentido em outra língua.

Em relação aos marcadores relacionados a marcas, nos primeiros dois episódios analisados eles foram domesticados, e substituídos por um nome genérico do produto, entretanto, no terceiro episódio os nomes foram estrangeirizados e o nome da marca foi mantido. Este fato pode ter ocorrido por duas razões, primeiro pelo fato de a marca que continuou nas legendas, *Airbnb*, existir e ser popular no Brasil, por essa razão o tradutor escolheu manter o nome, ou também, podemos refletir sobre o fato de que os créditos da legenda só aparecem em uma das temporadas. Nos três episódios que foram analisados não sabemos a autoria das legendas, com a possibilidade de terem sido realizadas por tradutores diferentes, que tenham escolhas opostas em relação ao nome de marcas, já que eles possuem a escolha de manter o nome original ou de utilizar um nome genérico.

Sobre os processos tradutórios utilizados, conseguimos verificar que o mais aparece é o de domesticação. Apesar de ser comum que na maioria das produções em língua inglesa as palavras sejam estrangeirizadas, na série *Insecure* isso não foi realizado. Podemos supor que isso se deu devido ao uso de termos usados na maioria das vezes por comunidades específicas, por exemplo os falantes da variação *Black English*⁴⁰, como as personagens da série. Manter os termos e expressões que são ditas por elas nas legendas talvez dificultasse o entendimento do público, já que seria preciso explicar todo o contexto por trás de algumas expressões, ou referências de humor, que não caberia no limite delimitado para as legendas.

Logo após o processo de domesticação, o outro processo mais utilizado foi a omissão, o que reforça o que defende Francisco (2016): os processos de domesticação e estrangeirização podem não ser suficientes para os tradutores, e tem que seguir por outras vias, como a omissão; que ocorreu em 30,4% dos marcadores analisados. Essa proporção se deve principalmente pelo fato de o objeto analisado serem marcadores culturais, que na maioria das vezes causam estranhamento em outros públicos, por se tratar de características específicas das culturas a qual pertencem.

É importante que haja mais estudos envolvendo os marcadores culturais em diferentes tipos de obras, principalmente de obras que envolvem minorias. Para que dessa forma, possa

⁴⁰ Segundo Widawski (2015), é um termo utilizado para representar a linguagem utilizada pela comunidade negra dos Estados Unidos.

ser observado e discutido como estão sendo realizadas as traduções de aspectos específicos da cultura, e promovidas discussões que ajudem e conscientizem os tradutores a como essas traduções podem ser realizadas de uma forma que respeite e transfira os marcadores culturais que cada indivíduo possui em seu vocabulário.

Por fim, ressaltamos o propósito deste trabalho como um estudo em que foi realizada a mediação entre diferentes culturas, e como na maioria das vezes não será possível transmitir a mesma ideia em diferentes idiomas. Entretanto, é necessário que o tradutor tenha uma visão crítica ao escolher suas práticas tradutórias para tentar o possível para não apagar completamente os traços culturais de uma obra.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Francis H. **Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução**. In: Revista de Estudos Orientais, n.5, pp.23-36, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5011929/mod_resource/content/1/aubert%20-%20marcadores%20culturais.pdf. Acesso em 28 abr. 2024
- BAKER, M. Linguística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos Estudos da Tradução? Em: MARTINS, M. A. P. (ed.). Tradução e Multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Lucerna. 1999, p. 15-34.
- CARROLL, Mary; Ivarsson, Jan. Code of Good Subtitling Practice. Berlin: European Association for Studies in Screen Translation, 1998. Disponível em: <https://www.esist.org/wp-content/uploads/2016/06/Code-of-Good-Subtitling-Practice.PDF.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- COVEY, Herbert C. *Crips and Bloods: A Guide to an American Subculture*. USA: Greenwood, 2015.
- DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2017.
- DELABASTITA, D. Translation and Mass-Communication: Film and TV Translation as Evidence of Cultural Dynamics. *Babel*, [s.l], 34, 4, 1989(a): 193-218.

DÍAZ CINTAS, J.; REMAEL, A. **Subtitling: Concepts and Practices**. Londres. Routledge, 2021.

CINTAS, Jorge Díaz; ANDERMAN, Gunilla. Introduction. In: CINTAS, Jorge Díaz; ANDERMAN, Gunilla. *Audiovisual Translation - Language transfer on screen*. UK: Palgrave Macmillan, 2009. 271 p.

FRANCISCO, Reginaldo. Estrangeirização e domesticação: indo além de mais uma dicotomia. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 16, p. 91-100, jun. 2016. ISSN 1980-4237. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2014n16p91/31977> . Acesso em: 30 jul. 2024.

GUEDES, Clara Peron; MOZZILLO, Isabella. Tradução de marcadores culturais em textos técnicos: a função do texto e o papel do tradutor no contato entre línguas e culturas. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, v. 15, p. 279-299, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2014n15p279>. Acesso em: 4 out. 2024.

NETFLIX STUDIOS. Portuguese (Brazil) Timed Text Style Guide. Partner Help. Disponível em: <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215600497-Portuguese-Brazil-Timed-Text-Style-Guide>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MOREIRA, Herivelto; CALLEFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. v. 1.

NOBRE, Antonia Célia Ribeiro. **A Influência do Ambiente Audiovisual na Legendação de Filmes**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 2, n. 2, p. 75-82. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Disponível em: [HTTP: //www.letras.ufmg.br/rbla/2002_2/artigo5.pdf](http://www.letras.ufmg.br/rbla/2002_2/artigo5.pdf). Acesso em 03/08/2008. Acesso em: 22 abr. 2024.

PALAMAR, J. J. There's something about Molly: the underresearched yet popular powder form of ecstasy in the United States. *Substance Abuse*, v. 38, n. 1, p. 15-17, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08897077.2016.1267070>. Acesso em: 4 out. 2024.

PING, K. Cultural Presuppositions and Misreadings. *Meta*, 44(1). *Théorie et pratique de la traduction en Chine*, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 133–143, 1999. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwis24jW7cfdAhUGfpAKHXfNBDAQFjAAegQIGRAB&url=https%3A%2F%2Fwww.erudit.org%2Ffr%2Frevues%2Fmeta%2F1999-v44-n1-meta168%2F003296ar.pdf&usg=AOvVaw3XHGHishj-R0E18EccLNjs>. Acesso em: 03 ago. 2024.

PINTO, M. S. A dialética da máscara negra: nego fugido contra o blackface. *Revista Aspas*, v. 7, n. 1, 2017.

PIRES, G. S. Legendagem e tradução: aspectos culturais. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, Alagoinhas, BA, v. 13, p. e18377, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/18377>. Acesso em: 22 abr. 2024.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de PELEGRIN, L.; VILLELA, L. M. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VENUTI, L. *A invisibilidade do tradutor*. Tradução de PELEGRIN, L.; ESQUEDA, M. D.; BIONDO, V. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

VICCINO, V. M. Sex and the City: uma análise da tradução para legendas sob as perspectivas logocêntrica e desconstrutiva. São Paulo: Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/VivianMarquesViccino.pdf. Acesso em: 24 abr. 2024

WIDAWSKI, Maciej. *African American slang: A linguistic description.*: Cambridge University Press, 2015.

ZHUOFAN, L. Do ponto de vista da Domesticação e da Estrangeirização — Uma análise da tradução da arquitetura do Jardim da Grande Vista em "O Sonho de Câmara Vermelha". 2022. Dissertação de mestrado (Estudos Interculturais Português/Chinês) - Universidade do Minho, Portugal, 2022. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/79660>. Acesso em: 13 out. 2024.